

DEOLINDO AMORIM

Ponderações
DOCTRINÁRIAS

Coletânea de artigos publicados em
diversos jornais e revistas espíritas
do Brasil e do Exterior

Organizado por **Celso Martins**



FEP
Federação Espírita do Paraná

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

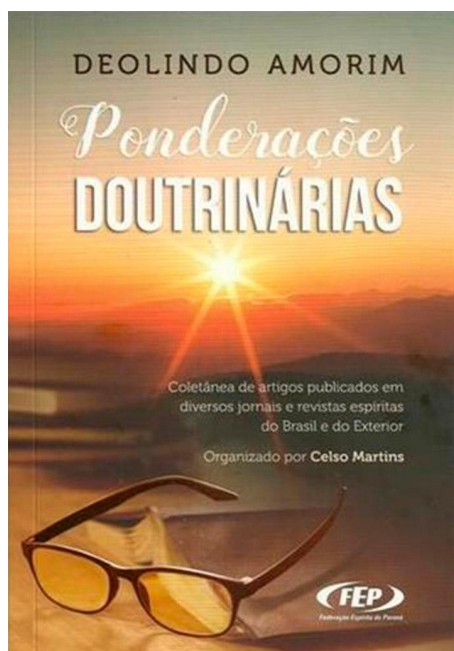
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



DEOLINDO AMORIM

PONDERAÇÕES DOUTRINÁRIAS

(Coletânea de artigos publicados por Deolindo Amorim, em diversos jornais e revistas espíritas do Brasil e do Exterior)

(Livro organizado por Celso Martins)

INDICE GERAL

Esclarecimento inicial do Celso Martins ..	
Luis Olímpio - Abolicionista.....	
Interpretação e Experiência	
A Doutrina Espírita e o Elemento Humano	
Aptidões e Tarefas.....	
Allan Kardec e a Unidade Doutrinária .. .	
Conceitos e Princípios	
O Fator Moral na Obsessão	
Explicação e Compreensão	
Ideias e Restrições	

Mudanças de Opinião.....
Experiência e Autoridade.....
Responsabilidade Coletiva
Ação Espírita entre Presidiários
Experiência Social
Idiotia e Lucidez
Projeção e Comunicação
Depoimentos Insuspeitos.....
Discípulos de Allan Kardec
Período Psicológico
Faculdades Psíquicas
O Espiritismo e o Paranormal
Concepção Espírita de Educação
Advertências Espirituais.....
Curiosidade e Renovação

ESCLARECIMENTO INICIAL

Quando entre nós, no mundo das formas físicas, ele que desencarnou em 1984, o jornalista e escritor DEOLINDO AMORIM escreveu muito, tanto em livros como através de diversos periódicos do Brasil e do Exterior, sempre divulgando com amor e entusiasmo contagiante, de maneira clara e segura, num estilo muito seu, a Doutrina dos Espíritos.

De regresso ao Mundo Espiritual, eis que se abriu uma imensa lacuna em nosso meio, legando-nos, no entanto, esparso em jornais e revistas ao longo dos anos, órgãos alguns dos quais não mais em circulação, valioso legado de comentários lúcidos, cada um valendo por uma lição de vida e de experiência. Por entender que seria lamentável perda deixar cair no esquecimento estas jóias de esclarecimento doutrinário, achei por bem reunir este material em livros. Vários confrades me auxiliaram no trabalho de colher aqui e a/í tais escritos. O confrade Aparecido O. Belvedere, por exemplo, de Matão, SP, pôs-me à disposição os arquivos da Casa Editora O Clarim, para uma pesquisa mais ampla, o que deixei de fazer porque motivos profissionais não me permitem afastar-me do Rio de Janeiro. Outro exemplo: Raymundo Espelho, do Correio Fraternal do ABC, de São Bernardo do Campo, também São Paulo, mandou-me inúmeros recortes oportunos. Mas aqui quero fazer um agradecimento muito especial à dona Delta dos Santos Amorim, a incansável companheira de Deolindo, e à dona Zi/da Alvarenga, que me puseram em mãos material com o qual consegui organizar outros livros, além deste, agora no prelo em outras editoras espíritas do interior paulistano.

De igual maneira, um agradecimento muito especial aos confrades da Federação Espírita do Paraná, que prontamente se dispuseram a editar este livro.

Todos nós, gratos ao dileto Deolindo, com muitas saudades dele / dar-nos-emos por satisfeitos se este esforço vier a contribuir para a edificação de uma verdadeira cultura

espírita, sobretudo junto aos moços que militam nas inúmeras Juventudes do nosso querido e imenso País.

Rio de Janeiro, maio de 1988

CELSO MARTINS

LUIS Olímpio- abolicionista

Há algum tempo atrás, tendo feito uma espécie de levantamento histórico na Biblioteca Nacional a fim de escrever um trabalho, pedi a coleção de Eco de Além Túmulo, na seção de obras raras, e logo se me deparou uma revelação interessante e muito relevante: Luis Olímpio Teles de Menezes, o fundador, como se sabe, do primeiro jornal espírita que se publicou no Brasil, era abolicionista declarado. Confesso que já conhecia o Eco de Além Túmulo, aliás Echo d' Além Túmulo, como se escrevia na época, pois em novembro de 1939, quando se realizou, no Rio, o Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, organizamos uma Exposição de Jornais e Revistas Espíritas, na sede da antiga Liga Espírita do Brasil (Rua Uruguaiana, 141, sobrado) aberta ao público durante o Congresso, e nela figurou o primeiro jornal espírita, enviado pela União Espírita da Bahia, como empréstimo. Todas as coleções foram logo devolvidas assim que terminou o Congresso.

Pois bem, notei na segunda consulta que Luis Olímpio tinha uma preocupação abolicionista muito clara. Tanto assim que uma parte do produto da venda ou de assinaturas do jornal deveria destinar-se à campanha em benefício da libertação dos eWavos. E, àquela época, antes de setenta, o ideal abolicionista já estava fermentando na consciência de uma plêiade lúcida e ardorosa. Havia muita resistência, não há dúvida, mas àquela altura a poesia de Castro Alves e o verbo de oradores destemidos já estavam sacudindo a alma do povo, de norte a sul, contra a instituição escravocrata. Por isso mesmo, o Manifesto Republicano de 1870, publicado logo depois da Guerra do Paraguai, foi muito criticado, justamente nesse ponto, acusado de omissão calculada, isto é, para não desgostar os fazendeiros, que tinham muitos escravos e constituíam a chamada aristocracia rural, os homens do Manifesto, chamados de republicanos históricos, acharam mais prudente não falar em abolição, pois o braço escravo era a base da economia geral do país. Anunciar a extinção da escravatura, principalmente na grande faixa de fazendeiros, significava uma ameaça, como se alguém estivesse mexendo em casa de marimbondos...

Tempos depois, como se sabe, veio a Lei Áurea, de 1888, acabando definitivamente com a escravidão. Mas certos fazendeiros apoiaram o movimento republicano, não por ideal, mas como protesto, porque ficaram contrariados com o Governo Imperial (a Princesa Isabel) por causa do 13 de maio. No ano seguinte, caiu a Monarquia, veio a República.

Contudo, o que nos interessa aqui é o sentimento abolicionista de Luís Olímpio,

nosso primeiro jornalista espírita. Poder-se-ia dizer que a sua manifestação, neste sentido, era simplesmente romântica, pois o produto da venda de um jornalzinho, que estava começando a circular na Bahia, seria em tudo por tudo inexpressivo.

Que poderia fazer Luis Olímpio em favor da campanha abolicionista com a renda (e que renda?...) de uma publicação, que parecia mais revista do que propriamente jornal e que era, além do mais, distribuída na maior parte de graça? Mas era a prova de idealismo, um sonho de liberdade, tão nobre como o ardor dos abolicionistas de maior projeção.

E, finalmente, para glória de Luis Olímpio, podemos dizer que a imprensa espírita nasceu no Brasil sob a inspiração da liberdade, pois o nosso primeiro jornal tomou posição contra a escravidão e agitou, assim, a bandeira da solidariedade humana.

(Revista Internacional de Espiritismo — Matão — SP — Fevereiro de 1984)

INTERPRETAÇÃO E EXPERIÊNCIA

Em qualquer campo de estudo ou de crítica, como já se sabe, a interpretação está muito sujeita a influências pessoais. Cada qual quer torcer o sentido das palavras ou dos textos para o seu lado, segundo as conveniências de ordem religiosa, política, jurídica, etc. Por isso mesmo, sempre se disse, e é verdade, que a interpretação é um terreno muito inseguro e muito aberto a distorções. Mas existe a interpretação criteriosa e, portanto, equilibrada.

Temos a interpretação literal, que se atém à frase ou ao texto, tal como está escrito, e temos a interpretação ideal, que procura descobrir o pensamento oculto nas entrelinhas. Nem sempre o que está escrito dá para entender. Muitas vezes se torna necessário até desprezar um pouco a forma e tentar identificar a ideia no fundo de um período ou de um contexto inteiro.

É difícil, muito difícil interpretar, principalmente quando se deseja encontrar a verdadeira intenção no emaranhado das palavras. Seja como for, há um elemento importante na interpretação, é o bom-senso! Quando a forma e a disposição das ideias não nos parecem suficientes para o entendimento claro, é justo recorrer ao bom-senso.

A experiência ensina que a interpretação ao pé-da-letra é bem arriscada, podendo levar a deduções falsas em muitos casos. Temos uma ilustração a este respeito. Lê-se no Evangelho, por exemplo: Graças te rendo meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por as teres revelado aos simples e aos pequenos (Mateus, XI, 25).

Doutos, como se sabe, são os possuidores de grandes conhecimentos, notadamente os que ostentam título de alto saber. Acontece, no entanto, que há doutos que não

são doutores, assim como também há doutores que não são doutos. Mas o sentido está claro na lição evangélica. Prudência, na realidade, é cautela, moderação, equilíbrio de espírito, o que é, aliás, próprio da sabedoria. Todavia, os prudentes, dentro do texto, estão associados aos doutos. Então, há um sentido de equivalência, dando a entender que prudente, ali, é também o douto, segundo o conceito do mundo. Justamente por isso, a Doutrina Espírita interpreta a lição e reafirma que Deus, em sua infinita sabedoria, deixa aos orgulhosos e pretensiosos, o trabalho de pesquisa dos segredos da Terra e revela os segredos do Céu aos simples e humildes... (O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. VII, nP 8).

De acordo com a advertência evangélica, aliás muito explícita, os doutos que se envaidecem ou se julgam donos da verdade não podem penetrar nos conhecimentos de ordem espiritual, apesar de todos os títulos acadêmicos, uma vez que estão dominados pela perigosa ilusão de que sabem tudo e, por isso, chegam a fazer pouco caso dos assuntos que dizem respeito à vida futura, às leis divinas, e assim por diante. O orgulho cega o espírito de sorte que as pessoas verdadeiramente humildes, não são as que o são apenas na aparência, as verdadeiramente humildes (convém insistir) têm mais possibilidades de receber a luz da sabedoria, pois desejam conhecer outros caminhos de adiantamento. São os humildes de coração e querem de fato progredir.

Pois bem, apesar de a recomendação evangélica ser bem clara, não deixando nenhuma dúvida, a sua interpretação ao pé-da-letra seria em tudo por tudo inconveniente. Se tomarmos o que aí está inteiramente letra por letra, chegaremos à inadequada conclusão de que os homens de grandes conhecimentos, sem exceção, pelo simples fato de serem intelectualizados, estariam impedidos de alcançar algum plano da sabedoria espiritual. Ora, seria uma contradição.

A que tipo de sábio ou douto se refere então o Evangelho?

Refere-se ao sábio orgulhoso. Nem toda criatura humana de grande cabedal de conhecimentos é orgulhosa. Não é pelo fato de acumular muito conhecimento que o homem intelectualizado deixa de ter aptidão para as coisas superiores. É pelo fato, aí sim, de se envaidecer com o conhecimento e julgar-se acima de tudo e de todos. Não façamos incursões no Evangelho com a ideia preconcebida de que toda pessoa de grande cultura é vaidosa, assim como não se deve pensar que todo ignorante é humilde. A vida cotidiana mostra muitos exemplos frisantes, de um lado e do outro. Não se pode ser unilateral na interpretação evangélica à luz do Espiritismo.

Há muitos homens notáveis, homens que poderiam ser chamados de sábios, mas tão simples, tão humildes, que se apagam ou se anulam, ao passo que muitos semi-analfabetos são cheios de si, têm arrogância intelectual de tal ordem, que chega a causar espanto. Assim, a interpretação radical, sem a luz da observação serena do bom-senso corre o risco de abrir muitas brechas para distorções perigosas.

Afinal, o que a vida nos ensina, a cada passo, é exatamente isto: a humildade não é privilégio da ignorância, tanto assim que há muito sábio humilde e muito iletrado visivelmente vaidoso. Os segredos do Céu estão abertos a todos; mas a condição é séria e difícil: é preciso humilhar-se, despojar-se das valorizações convencionais e amadurecer espiritualmente.

Não é com a cultura puramente livresca nem com os sofisticados instrumentos de pesquisas que o ser humano cresce em conhecimento espiritual. Mas também não é com a falsa humildade que encobre muita ignorância vaidosa, que se conquistam os degraus da sabedoria espiritual. A humildade não está na ignorância; está no íntimo do ser humano. Por isso, o homem muito culto também pode ser humilde e compreender as coisas do espírito. (Resumo de uma crônica na Rádio Rio de Janeiro — Programa do Instituto de Cultura Espírita do Brasil).

(Mundo Espírita - Curitiba - PR - Setembro de 1983)

A DOCTRINA ESPÍRITA E O ELEMENTO HUMANO

A seara espírita é um campo de experiências. Seria ilusão esperar que todos quantos se engajam no trabalho espírita, nesta ou naquela faixa, por mais ardoroso que seja o desejo de servir, já estejam completamente desligados de uns tantos hábitos, contraídos nos ambientes de onde vieram. Não. As tendências religiosas de origem, os cacoetes adquiridos na profissão ou na vida social e os impulsos do próprio temperamento não se modificam de um momento para outro. O fato, portanto, de ingressarmos nas fileiras espíritas, seja pela dor, seja pela reflexão profunda ou por outro motivo, não significa que tenhamos deixado lá fora todas as propensões ou, afinal, toda a bagagem que nos acompanha. Não se diz a toda hora, e é certo, que o meio espírita é uma escola? Escola pressupõe aprendizado e melhoramento.

(...) Como a Doutrina Espírita recebe adesões de pessoas oriundas de todas as classes sociais, assim como de todas as correntes religiosas e de todos os níveis da escala humana, as frentes de trabalho no movimento espírita, quer no campo assistencial, quer no campo doutrinário, mediúnico, etc., reúnem elementos muito variados entre si, com temperamentos, concepções e costumes em tudo por tudo diferentes. É natural, até certo ponto, que haja alguns problemas por falta de entrosamento. Todos, afinal, querem trabalhar e todos são necessários à realização da obra comum. Mas nem todos sempre se identificam nas ideias, nos modos de conduzir as tarefas, e assim por diante. Todos — é bom frisar — desejam contribuir com a sua parcela de esforço. E todos devem ter oportunidades de prestar serviço.

O problema não está propriamente no fato de haver desigualdades individuais

por causa da formação, estrutura psicológica, educação, cultura, etc., mas na falta, às vezes, de tato para contornar as dificuldades entre grupos heterogêneos e aproveitar bem o que cada qual possa dar de si a despeito das divergências ou até mesmo de atritos passageiros.

Nos grupos mais reduzidos, como é o caso de uma diretoria de 5 ou 6 pessoas, muitas e muitas vezes há incompatibilidades temperamentais e desentendimentos ocasionais, pois, como ensina a sabedoria popular, cada cabeça, cada sentença! Homogeneidade absoluta não é mesmo possível com um material humano ainda em processo reencarnatório de melhoramento. Mas é com esse material humano, sujeito aos altos e baixos da experiência terrena que se realizam as grandes obras. Se o nosso movimento tivesse de esperar que aparecessem somente trabalhadores já depurados de seus velhos compromissos ou sem arestas contundentes — nada teria feito até agora.

Há pessoas, no entanto, que ainda não compreendem a nossa situação e, por isso, de quando em quando fazem esta pergunta: — Mas existem dessas coisas no meio espírita?... E por quê não? O meio espírita não é uma comunidade de anjos, mas de gente de carne e osso, com os seus defeitos e suas qualidades, é verdade que certos casos já não deviam ocorrer em nosso meio. São casos realmente discrepantes, incompatíveis com o ensino espírita: personalismo, disputa de projeção, campanhas anônimas, etc., etc... Isto prova que ainda existe muita fraqueza humana do lado de cá, tanto quanto em outras atividades humanas. Não esperemos, pois, que haja um ajustamento perfeito em todos os campos de trabalho espírita, já que as criaturas humanas são mesmo desiguais. Entretanto, pela experiência já vivida e pelo que já se aprendeu na Doutrina até agora, certas dificuldades, causadas pela incompreensão humana, já não deveriam ocorrer entre nós. Afinal, ninguém é perfeito, ninguém chega à seara espírita sem as influências do passado, sem alguns prejuízos da educação ou do ambiente de origem, mas a casa espírita é uma escola. Sim, escola onde cada qual deve esforçar-se para melhorar.

Afinal de contas, que estamos fazendo no meio espírita, se ainda estamos presos às mesmas paixões ou se ainda estamos presos às mesmas tendências negativas de outrora? Se, ao cabo de tudo, nada mudou em nossa vida, pois continuamos com as mesmas ideias, os mesmos sentimentos, os mesmos hábitos, evidentemente não incorporamos bem os princípios espíritas ao dinamismo de nossa vivência cotidiana. É assunto para reflexões mais sérias.

(Revista Presença Espírita — Salvador — BA — Outubro de 1981)

APTIDÕES E TAREFAS

O princípio da desigualdade ou diversidade das aptidões individuais justifica racionalmente o aproveitamento dos valores humanos em todas as situações, em

qualquer nível intelectual, econômico ou social, é um argumento dentre outros da tese reencarnacionista, como se sabe. Cada espírito que reencarna tem sua situação, suas experiências, seus compromissos, seu grau de conhecimento e de capacidade. Sendo desiguais espiritualmente, não quanto à natureza, mas quanto ao estágio evolutivo em que se encontram, é natural que sejam também desiguais as inclinações, as preferências, as aptidões... Justamente por isso, o Espiritismo é uma doutrina essencialmente democrática, uma vez que valoriza o elemento humano em qualquer plano da vida em que esteja situado. Ninguém é inútil ou desnecessário porque não sabe fazer isto ou aquilo, porque tem mais inclinação para uma coisa do que para outra. Todos são úteis. Os campos de serviço, que se abrem constantemente na seara espírita, oferecem oportunidades a todos, de acordo com as possibilidades individuais. Cada qual procura naturalmente uma faixa de ação onde sinta que possa estar mais à vontade ou possa prestar serviços com mais eficiência. As opções são livres e necessárias, aliás em todo movimento, principalmente no espírita, que exige esforço desinteressado e muita dose de renúncia.

A expansão do movimento espírita, sobretudo no Brasil, onde se desenvolve uma obra assistencial cada vez maior e onde, ao mesmo tempo, nossas ideias enfrentam problemas e desafios em vários flancos de crítica, comporta muito bem, ou indispensavelmente, o funcionamento simultâneo de vários tipos de atividades, visando ao mesmo objetivo — o serviço pela causa espírita. Nada mais que isto.

O campo assistencial, por exemplo, é muito grande e meritório, exigindo vocações autênticas. Também meritório é o campo mediúnico, como são igualmente meritórios outros campos de trabalho espírita. No entanto, por mais que se reconheça a realidade, certas faixas de serviço ainda não foram bem compreendidas. Uma delas, por exemplo, é a faixa cultural. Não existe propriamente, nem poderia existir, principalmente agora, uma cúpula que se poderia chamar de elite espírita. Com as novas condições de vida e por força da interdependência em que vivem, hoje, os homens, os grupos, as classes, enfim, a noção de elite, no velho sentido de predominância intelectual de caráter seletivo já está obsoleta, já é uma ideia arcaica.

A equivalência cultural e profissional hoje em dia já não permite distinguir as pessoas pela situação intelectual ou social. O conceito de distância social, que teve muito peso nas sociedades antigas, abrindo um fosso profundo na escala profissional, está muito reduzido atualmente. Em primeiro lugar porque certas carreiras e profissões se valorizaram muito. E em segundo lugar porque as oportunidades de ascensão intelectual e profissional são cada vez maiores. Assim, não se pode mais olhar a sociedade como se fosse uma pirâmide lá em cima, no vértice, a elite mais intelectualizada e cá em baixo, na base, a massa confusa, sem capacidade para compreender os grandes problemas. Hoje, seria uma visão

completamente errada de vez que a sociedade não está mais assim.

Justamente por isso, não se pode pensar na formação de uma elite no movimento espírita. Também não se deve chegar ao exagero de querer desvalorizar o trabalho daqueles que na seara espírita, e pela força mesma das circunstâncias, desempenham tarefas de ordem intelectual. Porventura o campo cultural do Espiritismo também não é importante? Também não se precisa de obreiros capazes? Nosso movimento precisa, ao mesmo tempo, de trabalhadores idealistas em todos os campos. Assim, o homem prático, que é o administrador, tem seu lugar inconfundível. O médium, quando compenetrado de sua missão, é elemento insubstituível. O articulador de conagração é igualmente um trabalhador necessário, do mesmo modo que é necessário o elemento que promove campanhas humanitárias. Cada qual, em seu campo de trabalho, pode ser um apóstolo do bem. Não se pode nem deve, porém, enaltecer uma faixa de serviço, minimizando outras, como se fossem de importância secundária.

Sem dúvida, o trabalho assistencial é de natureza diferente do intelectual. Mas qual dos dois trabalhos é mais importante? Eis aí um julgamento difícil, senão impossível. No momento da necessidade humana, fala mais alto a assistência social, no momento em que é preciso esclarecer ou defender a causa espírita quando desafiada pela crítica, fala mais alto o lado cultural. E assim por diante... (...) Porque colocar, pois, em segundo plano o campo cultural do movimento espírita, dando mais ênfase ao campo da produção mediúnica ou hipertrofiando a significação das obras assistenciais?

(...) Negar o valor das atividades culturais no meio espírita é fechar os olhos a uma realidade evidente. Não há conflito, não há dissonância entre os diversos campos de trabalho, como não há qualquer avaliação de superioridade; mas é preciso que haja mais discernimento a este respeito.

É por isso mesmo que a Doutrina Espírita democraticamente aproveita os valores humanos em todos os graus, considerando sempre a desigualdade das aptidões como ponto de referência. (...) todos podem servir, todos podem ser obreiros da mesma seara, cada qual colocado na esfera de ação que lhe seja mais indicada. Ninguém fica de fora, a não ser que, por si mesmo, queira sobrar no conjunto. Há funções para todos, e todas elas são relevantes quando se observa a harmonia, a realização geral, É com este espírito construtivo que devemos avaliar o trabalho dos companheiros que se ocupam de tarefas diferentes no meio espírita, mas todos eles estão integrados no mesmo pensamento, no mesmo ideal — trabalhar pela causa comum, a causa do Espiritismo como doutrina de renovação do homem e da sociedade.

(Jornal Mundo Espírita — Curitiba — PR — Abril de 1973)

ALLAN KARDEC E A UNIDADE DOUTRINÁRIA

(...) Embora já se conheça suficientemente a biografia do Codificador do Espiritismo, há sempre o que estudar e meditar, principalmente quando nos fixamos em determinados aspectos. Vamos considerar, por exemplo, a preocupação de Allan Kardec com o ensino espírita. Como pedagogo, voltado a vida inteira para os problemas da instrução e da educação, entendia ele, e a experiência lhe dá toda razão, que o movimento espírita deveria, desde cedo, cuidar do ensino da Doutrina para a formação de adeptos capazes. Uma antecipação que podemos chamar de luminosa, sem a menor dúvida.

Uma vez concluída a obra da Codificação com o livro *A Gênese* (em **1868**), depois de um trabalho de mais de **11** anos a fio, quis o Codificador traçar, agora, os rumos que deveria seguir o movimento espírita, ainda no início da difusão doutrinária. Veja-se, aí, a visão lúcida e penetrante de Allan Kardec: quando muita gente ainda estava no entusiasmo das primeiras impressões, quando nem todos, entre os próprios aderentes na França, haviam tomado pé no terreno, como se costuma dizer, já ele pensava na organização de um plano de atividades, prevendo providências práticas, a fim de que os continuadores soubessem conduzir bem a nova bandeira, daí o projeto de 1868 no qual incluiu a previsão de um curso regular de Espiritismo.

Curso pressupõe sequência, método, regularidade. Era justamente o que ele queria: um curso para ensinar a Doutrina. Claro que não seria um curso acadêmico, visando ao bacharelado, por exemplo, com vestibular, diploma, etc... Não! Um curso regular, na realidade, para ministrar o ensino dos princípios básicos do Espiritismo, sem formalismo nem títulos. E qual o objetivo desse cursó, antevisto por Allan Kardec? Preparar adeptos capazes. Quem o diz é o próprio Codificador da Doutrina. Queria ele evitar o estudo desordenado, a improvisação e, sobretudo, a preponderância dos elementos despreparados. Como confiar a divulgação ou a interpretação de uma Doutrina a pessoas que não se prepararam convenientemente ou falam apenas por alto, quando não por momentâneo entusiasmo, mas que não têm a verdadeira segurança de conhecimento?

Era justamente a preocupação de Allan Kardec em relação ao futuro do Espiritismo, que deveria espalhar-se em todas as direções, mas poderia correr o risco de ser mal interpretado ou desfigurado em seu verdadeiro pensamento, exatamente pela falta de adeptos capazes, e não apenas crentes ou seguidores ocasionais.

Todos nós sabemos, pela experiência cotidiana, que há muita diferença entre apenas acreditar na comunicação dos espíritos e aceitar conscientemente os princípios espíritas. Kardec previa, de começo, precisamente a formação de um corpo de doutrinadores responsáveis, isto é, de pessoas identificadas com o pensamento doutrinário através de estudos metódicos, e não de leituras a esmo, leituras que podem dar noções esparsas, mas que não revelam a verdadeira linha de

sequência dos ensinamentos básicos.

Evidentemente, não queria ele abrir caminho para a criação de elites no movimento espírita, uma espécie de cúpula intelectual, que fala de cátedra, como se estivesse muito acima da planície. Absolutamente! Nem o movimento espírita comportaria inovações deste tipo. Mas de uma coisa podemos estar certos: se é verdade que não há lugar, em nosso meio, para elites sofisticadas, também é verdade, e verdade demonstrada pela experiência, que as ideias espíritas não podem ser conduzidas ou esclarecidas sob o primado da ignorância. Exatamente por deficiência de estudo regular ou metódico, e de mais penetração no âmago da Doutrina, é que estamos vendo, lamentavelmente, tantas distorções e tanta inoculação de ideias pessoais, em nome do Espiritismo...

Um curso regular de Espiritismo, assim preconizava Allan Kardec, teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, "fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns". Ainda mais encontramos em Obras Póstumas: "Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre as suas consequências."

Estão associados, aí, dois pontos substanciais ou inequívocos: a unidade doutrinária e o futuro do Espiritismo. O futuro do Espiritismo depende da unidade doutrinária. Sem unidade, cada qual fará o seu Espiritismo ou apresentará a Doutrina a seu modo, como se ela não fosse realmente um corpo homogêneo, é natural que todos nós tenhamos nossas ideias particulares ou possamos ver certos aspectos do Espiritismo por um prisma muito próprio. Mas não podemos deslocar a posição dos verdadeiros conceitos espíritas a fim de acomodá-los ao nosso modo de ver. Seria a quebra da unidade doutrinária que é a espinha dorsal da estrutura doutrinária, como já se disse inúmeras vezes.

Por causa de uma visão parcial ou incompleta do Espiritismo, justamente sem a noção exata de sua unidade capital, é que muitas pessoas, por terem sido mal encaminhadas nos primeiros passos de participação espírita, ainda não compreendem que só existe UM Espiritismo, embora existam muitos campos de trabalho, muitas formas de ação.

Há quem fale em Espiritismo social, com tanta ênfase, como se o Espiritismo fosse exclusivamente campo de assistência social... Há quem realce com ardor o Espiritismo evangélico em contraposição ao Espiritismo científico. E assim por diante. São particularizações muito enfáticas, mas prejudicam a visão global, o sentido de unidade, justamente porque dão ideia de que existem diversos Espiritismos: o social, que é de uma área, o evangélico, que é de outra área. O científico que é de gabinete, etc. Ora, tudo isto constitui apenas uma desfiguração que incide sensivelmente na unidade doutrinária.

As consequências do Espiritismo atendem a necessidades diversas e, por isso mesmo, os campos de trabalho se desdobram cada vez mais através da pesquisa

científica, da meditação e da explanação evangélica, assistência social, etc... Mas o foco que projeta luz sobre todos esses ângulos é um só — o ensino fundamental da Doutrina. A diversificação é apenas no trabalho humano, de acordo com o momento, o ambiente e as circunstâncias. A Doutrina, porém, não se diversifica nem se desfigura. Justamente por isso, é indispensável que tenhamos em vista, acima de tudo, a unidade doutrinária, que Allan Kardec tanto encareceu.

(Trechos de uma palestra proferida em 17/10/76 na Sociedade Espírita Allan Kardec, em Porto Alegre — RS)

CONCEITOS E PRINCÍPIOS

Os conceitos humanos são considerados, em grande parte, segundo os pontos de vista de quem os interpreta. Cada conceito, dentro de um ângulo de visão, tem um valor próprio, de acordo com as diversas concepções de vida. O conceito de verdade, que é muito subjetivo, toma sentidos muito diferentes, conforme os contextos em que esteja situado. A verdade, para um filósofo, tem aspectos ou sutilezas que o homem de espírito muito pragmático não pode apreender, justamente porque está habituado a ver tudo pelo prisma concreto e imediato. A visão do místico, do homem que vive mais para o espírito não coincide com a visão objetiva do homem de laboratório. O conceito de honra, para um indivíduo depravado, não tem o mesmo peso, o mesmo sentido de nobreza moral desse mesmo conceito, quando considerado por um homem de bem. O conceito de amor, para uma criatura dissoluta, não tem a significação de amor entendido em termos de espiritualidade, do amor cultivado pelas pessoas que se elevaram acima das paixões comuns.

E assim diversos conceitos estão sujeitos a interpretações restritivas, em virtude das desigualdades morais, intelectuais, emocionais, etc. Cada qual, dentro de seu sistema de ideias, tem um conceito de amor, de justiça, de liberdade... Cada qual avalia os conceitos em razão de suas tendências íntimas, sua cultura, sua filosofia de vida.

O meio social, por sua vez, lança sobre o indivíduo uma carga bem forte de exigências e pressões, muitas vezes condicionando os próprios conceitos. Daí decorram os conceitos de sagrado e de profano, de decente e de indecente, de justo e de injusto, como tantos outros, os quais não podem ser definitivos nem absolutos, pois variam, no tempo e no espaço, isto é, em função da época e do meio.

Se é verdade que as chamadas injunções sociais muitas vezes modificam os conceitos, que são criações humanas, também é verdade que existem princípios capazes de resistir ao tempo e às mudanças históricas. As conveniências ocasionais podem torcer os conceitos, amoldando-os à vontade, desvirtuando-lhes o verdadeiro sentido mas não podem invalidar a consistência de certos princípios.

Chegamos então ao ponto em que se faz sentir a força do ensino espírita. Pouco

importa, por exemplo, que haja diversas maneiras de entender o conceito de amor, segundo as influências da cultura ou do meio social, mas o que a Doutrina Espírita afirma, como princípio, tenha o nome que tiver, é que o amor edifica o espírito, e que sem amor não há progresso espiritual. É um princípio válido no tempo e no espaço. Cada qual pode ter o seu conceito de amor para uso próprio, mas existe o amor real, acima de todos os conceitos convencionais. A Doutrina Espírita não discute conceitos, ela ensina princípios. Lá está no Livro dos Espíritos — questão 153: Chamai as coisas como quiserdes, contanto que vos entendais.

Quando a Doutrina afirma que existe uma Lei Moral, uma lei que não é contingente ou transitória, não está circunscrita a uma área nem a qualquer grupo, porque se sobrepõe a todas as configurações geográficas ou sociais, quando a Doutrina afirma isto — convém frisar bem — ela não pergunta qual é o conceito de Moral deste ou daquele grupo, desta ou daquela escola. O princípio é este: queiram ou não queiram os homens, tanto faz no Oriente como no Ocidente, a Lei Moral prevalece, é insubstituível.

E qual o seu foro?

A consciência, diz a Doutrina.

Há muitos conceitos de Moral, como se sabe, mas a Doutrina não se preocupa com os conceitos, porque lhe interessa principalmente infundir princípios que reformem o ser humano por sua influência.

Não há reforma profunda e duradoura, entretanto, se não há compatibilidade com a Lei Moral. A reforma exterior apenas atende a eventualidades sociais, mas não modifica o indivíduo por dentro. O indivíduo pode usar todos os artifícios, empregar todos os expedientes de argúcia para burlar a lei escrita, que é obra dos homens, mas não pode fugir ao julgamento inexorável da Lei Moral, porque a consciência não dorme nem se deixa enganar. Cedo ou tarde, o espírito devedor terá que ajustar contas com a sua própria consciência, ainda que tenha sido absolvido ou exaltado pelos homens.

Cada qual deve, pois, esforçar-se, desde cedo, para evitar o julgamento severo da consciência, sob a ação inflexível da Lei Moral, pois se uma existência não for suficiente, haverá outras experiências, através da reencarnação. Este princípio, que ninguém pode alterar nem acomodar por meio de conceitos particulares, constitui uma das pedras angulares do ensino espírita.

(Mundo Espírita - Curitiba - PR - Novembro de 1976)

O FATOR MORAL NA OBSESSÃO

Se os espíritos maus farejam as chagas da alma, como ensina a Doutrina, certamente o fator moral deve ser levado em conta nas relações entre obsidiados

e obsessores. Qualquer pessoa está sujeita a ser assediada por espíritos ignorantes e perversos, até mesmo quem vive de consciência tranquila. Mas uma coisa é ser realmente assediada por espíritos que sopram ideias negativas ou malélicas, e outra coisa é aceitar tais ideias ou ceder a insinuações ou sugestões ocultas.

Há muitos anos, quando jovem, ainda sem nenhuma ideia nem leitura acerca de Espiritismo e obsessão, conversei com um frade franciscano sobre a existência do demônio e dele ouvi uma informação interessante. Confesso que, naquela ocasião, sinceramente não levei a sério o que ele me disse. Hoje, porém, pelo que já li e ouvi, como também pelo que já observei, estou certo de que o frade não estava fantasiando, não, como eu pensava. Apenas não posso aceitar a designação de demônio, que é do vocabulário católico, não se adaptando, pois, à linguagem espírita. O fato, porém, tem toda a procedência. Tiremos a palavra demônio e digamos espírito obsessor ou perturbador.

Disse-me ele que já tinha visto demônios algumas vezes mas sempre os repeliu com toda a energia. Então eu lhe perguntei:

— Mas o senhor já viu o demônio mesmo?

E ele respondeu:

— Sim, pois eles andam por aí, querendo atordoar a gente.

E andam mesmo. São obsessores, que cruzam o nosso caminho e farejam, de fato, as chagas da alma, como está na seção de preces de O Evangelho segundo o Espiritismo. Por delicadeza, para não parecer deboche, não perguntei se os demônios tinham chifres, unhas grandes, etc... Mas o frade contou que certa vez, ao sair à rua, com uma procissão, diversos demônios se lhe apresentaram com ares de galhofa, como se fossem moleques que brincam com coisas sérias. Ele, porém, estendeu a mão e falou fortemente:

— Vão-se embora!

E falou de uma forma tão acentuada, com tanta convicção, que os espíritos se retiraram. Por mais de uma vez defrontou-se com entidades deste tipo, em forma demoníaca, segundo a concepção católica, e impôs a sua vontade por uma entonação de ordem. E os espíritos obedeciam. Foi, afinal, o que me relatou o frade.

Sem admitir a ideia de demônio, nem de espírito diabólico, o caso pode ser muito bem analisado à luz do ensino espírita.

Em primeiro lugar, a condição de sacerdote, pastor, rabino ou lá o que seja não impede que alguém seja importunado por espíritos perturbadores. Se os obsessores encontram brecha, claro que dominam o campo mental e podem causar problemas de consequências graves no decorrer do tempo. Se, no entanto, encontram alguma barreira moral ou resistência de pensamentos sempre elevados, naturalmente não lhes será fácil tirar partido. Mas, tentar, eles tentam mesmo. A experiência que o diga.

Em segundo lugar, o frade naturalmente era vidente, pois via nitidamente as

entidades circundantes, caminhando ou pulando com ares de deboche. Mas, ao mesmo tempo, devia ser também dotado de muito poder magnético, pois sempre afastava os espíritos incômodos (demônios) com simples gestos e algumas expressões muito impregnadas de vibração forte. Talvez (quem sabe?) fossem apenas espíritos brincalhões, porém inofensivos, desses espíritos que, ainda situados no plano terra-a-terra, gostam de se divertir às custas das criaturas humanas, sem quererem propriamente fazer o mal.

Cabe aqui uma consideração especial, já agora no contexto espírita.

A imposição pela força de palavras persuasivas ou por meio de uns tantos gestos em muitos casos dá resultado, porém de efeito passageiro. O espírito se retira, acalma-se até certo ponto mas não se convence, não se modifica, não se torna melhor por causa disto, enquanto não for tocado pela mensagem de esclarecimento e amor. Não se modifica o ânimo de um espírito obsessivo ou vingativo sem paciência, sem amor e sem prece. Há técnicas e meios sugestivos realmente válidos, mas apenas para o momento em que se apresenta o quadro obsessivo. Logo depois, volta a situação, uma vez que o espírito não mudou a sua maneira de pensar. Não recompôs a sua situação. Não se sensibilizou.

Se o processo obsessivo já vem de longe, como se dá em muitos e muitos casos, porque tem causas remotas ou está envolvido em tramas e dramas de outras existências, o tratamento terá de ser muito demorado e perseverante. Não é de um instante para outro, apenas com algumas palavras de doutrinação, que se destrói uma situação criada no passado através de muito ódio acumulado. É bom lembrar o que escreveu André Luiz a este respeito no livro *Missionários da Luz: As cristalizações mentais de muitos anos não se desfazem com esclarecimentos de um dia. Pensemos nisto. A obsessão tem muito o que ver com o fator moral. O estudo e a prática mediúnica bem o demonstram.*

Há ocasiões em que logo de uma vez se esclarece a situação, porque o problema, por assim dizer, é superficial e, por isso mesmo, uma vez doutrinado, o espírito facilmente toma consciência de seu verdadeiro estado e entra no bom caminho. Mas há ocasiões em que os casos se configuram de tal forma, e tal é a complexidade, que não se sabe nem quem é o verdadeiro algoz — se é realmente o obsessivo, que tripudia sobre a vítima da obsessão ou se é a própria vítima de hoje, o algoz de ontem, o tirano de outros tempos! São problemas com que se defrontam muito as casas espíritas.

Um ponto, porém, deve ser muito repetido: o lado moral tem importância decisiva nos processos de obsessão. Doutrinar o espírito, sim, mas doutrinar também a pessoa obsidiada para que não alimente prevenções, recalques, inveja e ódio, orgulho e outros polos de atração de espíritos ignorantes e, por isso mesmo, malfazejos.

(Jornal Mundo Espírita - Curitiba - PR - Novembro de 1981)

EXPLICAÇÃO E COMPREENSÃO

Embora já se saiba que a Doutrina Espírita é reencarnacionista, nem todos quantos batem às portas das sociedades espíritas, em situações graves ou para chorar as suas mágoas, estão em condições de compreender prontamente certos problemas à luz da reencarnação. Em determinados casos, o esclarecimento deve ser muito prudente, sempre compreensivo, pois é inútil, e às vezes até contraproducente, começar falando logo em resgate de dívida do passado, em situações cármicas, etc., se a pessoa aflita está inteiramente fora do assunto, vindo de um ambiente todo estranho ao meio espírita.

Há explicações que são muito bem aceitas por pessoas que já têm pelo menos algumas noções de Espiritismo ou já ouviram palestras sobre reencarnação, mas não podem ser absorvidas, logo de entrada, por elementos que, além de nunca terem ouvido falar em compromissos do passado, provas e assim por diante, estejam em estado de desespero, precisando apoiar-se em alguém que inspire confiança. Quem chega a uma casa espírita para pedir socorro, completamente arrasado por causa de um problema inesperado e doloroso, e não tem, por sua vez, qualquer base de conhecimento acerca da reencarnação, naturalmente não pode raciocinar com frieza ou muito menos entrar em especulações filosóficas para chegar à causa remota de seu drama. Quem está nessa situação, sem saber o que fazer nem que rumo tomar, procura o meio espírita justamente para receber uma palavra de conforto, uma prova de solidariedade humana, o apoio espiritual de que necessita. Mas não pode apreender logo umas tantas elucidacões justamente porque a mente está ainda muito tumultuada, é um problema psicológico. Passado o primeiro período da crise, quando a criatura volta à calma, ainda que relativa, e já está mais ou menos com as ideias no lugar, então vem a explicação reencarnacionista, se for o caso, mas mesmo assim em doses homeopáticas.

Há explicações que até desorientam, embora sejam bem intencionadas.

Figuremos, como simples ilustração, o caso de uma senhora que, na condição de mãe sofredora, profundamente deprimida porque o filho morreu afogado, sem nenhuma noção do que seja Doutrina Espírita, sem jamais haver pensado em reencarnações, recorra a um centro espírita como ponto de apoio e conte o seu caso, banhada em lágrimas inconsoláveis. Evidentemente que se trata de uma situação difícilíssima que exige muito tato, muita paciência. Imagine-se, agora, se alguém, com a intenção caridosa de esclarecer e ajudar, comece logo assim:

— É assim mesmo, é a lei de causa e efeito. Conforme-se com a realidade. É a sua prova. A senhora já deve ter afogado alguém noutra existência!...

Francoamente, parece mais crueldade do que caridade.

Consideremos o problema sensatamente: como poderia admitir tais coisas quem

se encontra em aflição e não tem o mínimo preparo acerca das ideias espíritas? Impossível. Além de tudo, o problema não deve ser colocado nestes termos. Certas maneiras de interpretar a reencarnação podem até comprometer a própria lógica da Doutrina, É preciso aguardar o momento psicológico para entrar no assunto. Não se deve usar a mesma linguagem para todas as pessoas, como não se deve apresentar o mesmo fio de argumentos em todos os casos, em todas as circunstâncias, a propósito de todas as situações. As condições psicológicas, emocionais e intelectuais variam muito. Somente depois de preparado o terreno, pela elucidação e pelo amor, é que se começa a doutrinação específica. Ainda assim, é bom frisar, há ocasiões em que o modo de encarar os problemas pelo prisma reencarnacionista, ao invés de esclarecer, lançam ainda mais confusão. A experiência que o diga.

Quem estuda a Doutrina Espírita já sabe muito bem que a reencarnação é um princípio universal, válido no tempo e no espaço. E o caminho lógico da compreensão da Justiça Divina, a resposta filosófica aos chamados desafios da Natureza. Mas acontece que, às vezes, se leva a reencarnação para um terreno muito rígido e casuístico, esquecendo-se de que a reencarnação não anula o livre arbítrio, não significa o puro fatalismo. A reencarnação deve ser entendida como lei geral. Sob a lei, que é inevitável, mas não é somente punitiva, porque proporciona meios de reparação perante a Justiça Divina, assim como oferece campo para o desempenho de missões nobres e grandiosas na Terra, sob a lei (repita-se) cada qual pode fazer as suas opções, ajustando-se a esta ou àquela conjuntura.

Ninguém foge à lei, é certo. Quem causa prejuízo aos outros terá de responder pelos seus atos, seja onde for, seja quando for, mas justamente aí é que se nota a inconveniência de certas explicações muito restritivas e prejudiciais ao entendimento da Suprema Justiça, que fica parecendo rígida demais, senão até desumana!

Se alguém causou afogamento do próximo-, noutra existência, terá fatalmente de morrer afogado na vida atual (?)... Se lançou fogo na casa do vizinho, terá de reencarnar com a previsão de ser vítima de um incêndio... E assim por diante. Ora, não podemos ver os problemas exclusivamente por um prisma tão estreito, tão inflexível. Afinal, a pessoa que causou afogamento não poderá voltar à Terra com a incumbência de trabalhar como salva-vidas, que é uma profissão humanitária, a fim de reparar o que fez na existência anterior? Não será muito mais útil do que morrer afogado? É questão de lógica. O espírito reencarnatório pode interferir no carma, ainda que não possa desviar o curso da lei. Aquele, por exemplo, que provocou incêndio intencionalmente, por perversidade, não poderá reencarnar e tornar-se bombeiro, sacrificando-se para salvar muitas pessoas de incêndio? Não será então uma oportunidade ampla, muito mais benéfica do que ter de morrer queimado?!...

Há várias maneiras de saldar dívidas do passado e reparar os danos causados ao

próximo. E a perspectiva da reencarnação. Algumas interpretações muito ao pé da letra, entretanto, levam certas pessoas a uma confusão ainda maior, quando não saem dos centros dizendo que o ensino espírita é um absurdo! Infelizmente. No entanto, a reencarnação, quando bem compreendida, abre uma janela nova ao espírito para que compreenda seguramente a grandeza e a perfeição da obra divina. A tese de reencarnação é também uma fonte de esperança!

(Correio Fraternal do ABC — São Bernardo do Campo — SP — Dezembro de 1980)

IDEIAS E RESTRIÇÕES

Um dos aspectos mais característicos da Doutrina Espírita é a sua índole francamente aberta ao exame de quantos queiram conhecer-lhe os princípios e analisá-los à vontade. Isto quer dizer que o Espiritismo não é uma doutrina fechada ou petrificada, é natural, então, que haja discussões em nosso meio, neste ou naquele ponto, uma vez que nem todos têm a mesma formação, a mesma origem religiosa, o mesmo lastro de experiência. Além de tudo, somos todos espíritos desiguais, reencarnados por necessidade na Terra, não é verdade?

A Doutrina, por si mesma, deixou o campo livre para enriquecimentos e novas reflexões. E se assim não ocorresse, teria ela parado no tempo e, por isso mesmo, não poderia acompanhar as mudanças que se operam no mundo. Está bem claro que os princípios gerais, isto é, os pontos nucleares, como se diz, são pacíficos pois neles todos se apoiam sem discordância. Há, entretanto, opiniões diversas em relação a outras questões doutrinárias, fora do contexto básico, que é a nossa fonte inconfundível e direta.

Embora a Doutrina nos faça ver que o essencial é o nosso entendimento, sejam quais forem as palavras, verdade é que ainda se discute muito no meio espírita, ora por causa de palavras, ora por causa de interpretação. Em duas questões do Livro dos Espíritos, por exemplo, e de um modo bem explícito, a Doutrina faz advertência, sempre oportuna, neste sentido: As palavras pouco importam. Cabe-vos formular vossa linguagem de um modo que vos possais entender. Chamai as coisas como quiserdes, contanto que vos entendais (Livro dos Espíritos, questões 28 e 153).

Em todos os tempos, sempre houve muita demanda por causa de palavras. Temos desses problemas também na seara espírita, mas não podemos dizer que todas as discussões e até algumas polêmicas entre confrades, sejam motivadas exclusivamente por expressões consideradas sutilezas verbais. Há discussões de outra ordem, em virtude justamente de posições assumidas, seja quanto à indicação de uns tantos problemas, seja quanto aos modos de ver, pessoalmente, os problemas e o papel das instituições.

Tudo isto é humano e até certo ponto inevitável. O debate, em muitos casos, é uma necessidade. Mas debate não é agressão; é troca de ideias para chegar a um

denominador comum, seja qual for o teor das discordâncias. O objetivo, de parte a parte, é procurar a verdade até onde é possível.

Justamente por isso, não vemos motivo para que haja animosidade pessoal entre confrades por causa de controvérsias. Saber discutir, aceitar ou rebater críticas sem perder o equilíbrio emocional é uma prova de compreensão. Podemos fazer restrições às ideias de um companheiro em terreno franco, com toda a lealdade, mas o respeito humano e a amizade pessoal não devem sofrera mínima alteração. Restrições às ideias, e não às pessoas. Quem não aceita crítica naturalmente se julga dono da verdade... É triste, lamentável mesmo, que o ardor de um debate, que devia ficar exclusivamente no campo das ideias, tenha consequên- cias pessoais, levando um confrade a ficar 'Trio" com o outro apenas porque discordam neste ou naquele ponto. Será que ainda não sabemos discutir?...

Afinal de contas, a amizade pessoal e o apreço aos valores humanos nada têm que ver com as posições contrárias neste ou naquele ângulo do pensamento crítico. Temos companheiros dos quais nós discordamos profundamente em muita coisa, mas a velha amizade nunca se modificou, e não haveria razão para tanto. Por quê? Porque não compreendemos, sinceramente, como se pode mudar o tratamento com um amigo, de uma hora para outra, somente porque houve um choque de ideias. Felizmente, conhecemos muitos confrades nossos, cujo procedimento, sob este ponto de vista, é realmente exemplar: discutiam calorosamente, assumiam posições frontalmente antagônicas, mas tudo isso ficava no plano das opiniões, acima das pessoas. Terminado o debate, que parecia uma batalha de ideias, nada de ressentimentos, nada de prevenções: abraçavam-se e continuavam lado a lado, trabalhando pela causa espírita. Já vimos, de perto, diversas atitudes desse tipo, aliás muito enobrecedoras.

A esta altura de nossa vivência no dia-a-dia, não podemos compreender como, por exemplo, um confrade, um irmão de ideal, possa chegar ao extremo de cortar as relações com o outro, ou deixar de cumprimentá-lo com a cordialidade habituai, ou até evitá-lo nos encontros, apenas pelo fato de terem tido um atrito de pontos de vista ou terem discutido sobre um tema doutrinário. E daí? Que tem tudo isso com a convivência pessoal ou com o intercâmbio de amizade? Por que fazer restrições também às pessoas, se o problema é com as ideias? Afinal, são coisas da Terra, não há dúvida. Mas a Doutrina veio para ensinar, e porque veio para ensinar, naturalmente há de melhorar o procedimento dos homens.

(Revista André Luiz — São Paulo -7 SP — NP 34 de 1983)

MUDANÇAS DE OPINIÃO

Quem se inicia em qualquer estudo sério deve ter sempre o cuidado de confrontar edições da mesma obra, tanto quanto possível, a fim de acompanhar o pensamento do autor, que pode mudar de opinião de uma edição para a outra. Isso

é muito elementar, senão óbvio, mas o certo é que nem todos observam a regra trivial. Os polemistas, por exemplo, precisam estar muito atualizados nas fontes, pois uma citação em falso pode prejudicar ou abalar toda a argumentação. No espaço de 2, 3 ou 5 anos, digamos, um autor ou tratadista pode mudar de opinião e reconsiderar suas posições em determinados pontos. Quem tiver tomado por base apenas a 1ª edição, arrimando-se a certas afirmações do autor, corre o risco de cometer uma cincada, no caso de haver mudança em edições posteriores.

É verdade que a vida nas grandes cidades, onde se vive a bem dizer de correria, não dá margem para muita pesquisa bibliográfica e, por isso, as consultas, em grande parte, são feitas de relance, sem o tempo suficiente para observações mais demoradas. Seja como for, o estudo sério exige muito cuidado nas citações. Assim, quando utilizamos um livro, principalmente em discussão, devemos procurar saber, antes de tudo: A) se existem outras edições; B) se o autor mantém o mesmo pensamento; C) se, no caso de o autor já estar desencarnado, seus discípulos ou continuadores fizeram algum acréscimo ou alguma corrigenda. Tudo isso pode acontecer. É sempre bom que tomemos precauções, ainda que elementares ou cediças. Também pode acontecer que o autor tenha modificado suas opiniões noutra obra, anos depois. O terreno é delicado, não há dúvida.

Vejamos o que se deu com Paul Gibier, um dos nomes mais citados na literatura espírita.

Quando publicou *O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)*, ainda tinha dúvidas em relação a certos fenômenos e, por isso mesmo, não admitia claramente a liberação do EU após o desenlace, tanto assim que escreveu isto:

"... esses fenômenos surpreendentes, inexplicáveis por comparação com o pouco que sabemos, **NÃO DEMONSTRAM DE MANEIRA ABSOLUTA QUE A MORTE POE EM LIBERDADE O EU CONSCIENTE QUE PERSISTE**". Convém esclarecer que nos servimos da edição impressa na Garnier, conforme os direitos concedidos pela Federação Espírita do Brasil, obra de 1886. O relevo em "caixa alta" da frase que transcrevemos é de nossa iniciativa.

Ocorre que Gibier mudou de opinião neste sentido, naturalmente por força de novas experiências e reflexões. Em *Análise das Coisas*, que é de 1890, depois de 4 anos, portanto, Paul Gibier já escrevia assim:

— "Quando chega a morte real, o que abandona o corpo em primeiro lugar é o espírito, e, sem dúvida, de modo mais rápido, segundo o gênero de morte. Ao mesmo tempo, uma certa parte da energia anímica dissipa-se logo e volta para o reservatório comum da energia universal, e isso gradualmente".

Como estamos vendo, a afirmação central é a de que o espírito abandona o corpo em seguida ao desenlace. E, mais adiante, na mesma linha de considerações, novamente se refere à "prova da persistência da consciência do ser, depois da destruição do corpo". Edição da FEB, de 1934. Portanto, no espaço de 4 anos podem ocorrer muitos imprevistos retificadores nas posições dos homens de

ciência. Em matéria científica não pode haver afirmação ou sentença definitiva.

Para efeito histórico ou de preservação de valores, as obras literárias têm muita significação pela antiguidade. Quanto mais velha, mais importante, sob determinado ponto de vista. Depois de um século, ou mais, um poema, como *Os Lusíadas*, por exemplo, um livro de um dos clássicos da literatura, já entra no rol das preciosidades, assumindo valor incalculável. Com as obras científicas, porém, ocorre justamente o contrário: renovam-se constantemente, não podem ser conservadas como tesouros intocáveis. O espírito científico é movido por natureza de sorte que há sempre o que investigar, ampliar, corrigir. Justamente por isso (e se assim não acontecesse, não haveria evolução), raro é o autor de trabalhos científicos que não faz revisão de suas ideias no decorrer dos anos.

Retificar uma posição não é contradizer-se, como às vezes se pensa; não; é atualizar-se. Alguns homens de pensamento, e mesmo dos mais afeitos a estudos científicos, lá uma vez por outra são criticados injustamente pelo fato de mudarem de opinião. E quem é que não muda de opinião diante de uma prova ou de uma experiência convincente? O pensamento científico não admite teimosia, como não se compatibiliza com preconceito. No próprio meio espírita, embora os princípios básicos da Doutrina sejam sólidos, inteiramente sólidos, qualquer autor pode reconsiderar suas ideias neste ou naquele ponto, sem que se possa incriminá-lo de contraditório, É questão até de bom-senso, em última análise.

Alguns companheiros nossos não são compreendidos quando procedem assim, embora seja este o procedimento recomendado pela própria Doutrina, cujo pensamento é bem explícito: O Espiritismo não teme as descobertas da Ciência e, por isso mesmo, pode assimilar "todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia". (Allan Kardec — *A Gênese* — Cap. I).

O que o Espiritismo não pode aceitar é a fantasia da imaginação, ainda que venha com rotulagem de ciência ou de filosofia. Em termos reais, porém, é perfeitamente compreensível a conciliação dos princípios capitais da Doutrina com as verdadeiras descobertas do pensamento e com as realidades que a experiência venha a revelar em qualquer domínio do conhecimento. E tudo isso, em suma, pode ocorrer, naturalmente, sem desfiguração do verdadeiro caráter da Doutrina, nem adaptações forçadas.

(Obreiros do Bem — Rio de Janeiro — RJ — Outubro de 1975)

EXPERIÊNCIA E AUTORIDADE

Durante muito tempo, nas discussões filosóficas e demandas teológicas, o critério da experiência e o critério da autoridade tiveram muita influência no

pensamento crítico. Insurgindo-se contra a última palavra do púlpito ou da cátedra, o que significava simplesmente fazer tábua rasa da autoridade, os apologistas da experiência faziam questão da prova direta, queriam a verificação em campo aberto e não as sentenças dos mestres. Os empiristas invocavam a experiência como valor indiscutível enquanto os tradicionalistas faziam da autoridade o valor decisivo nos critérios da verdade. Praticamente duas posições antagônicas: aceitar uma verdade somente depois de comprovada pela experiência ou aceitar uma verdade mesmo sem prova, somente porque provinha de uma autoridade, que poderia ser um doutor, um teólogo, um filósofo...

Como em todas as posições radicais, (...) o exagero de um lado e do outro prejudicou sensivelmente o equilíbrio. Ninguém, criteriosamente, seria capaz de pôr em dúvida a necessidade da experiência sem submissão integral às noções já prontas e acabadas. Fechar o campo da experiência para não ser irreverente com a autoridade dos mestres, é impedir a evolução, é querer colocar o espírito inquiridor dentro de uma redoma. Em todos os campos a experiência sempre abriu caminho à crítica, a não ser nos períodos obscuros da Humanidade, quando não havia sequer a mínima condição de indagar e discutir... A experiência descobre novos filões e permite uma avaliação crítica mais segura, podendo oferecer até elementos para a revisão de certas posições. Se não fosse o respeito à experiência, o conhecimento humano em grande parte ainda estaria parado no tempo e no espaço.

Apesar de tudo, convenhamos, tanto o valor da experiência como o testemunho da autoridade são relativos. O exagero em que incidiram os partidários das duas soluções é evidente! Nem tudo se pode provar pelos instrumentos da experiência sensível, nem todas as verdades podem ser determinadas pelos compassos de precisão ou dentro dos tubos de ensaio. O fato de se não poder demonstrar com exatidão de uma lei ou de um princípio no banco da experiência objetiva não quer dizer que essa lei não seja verdadeira ou seja fantasia.

A experiência tem suas limitações em qualquer campo de investigação. Seria o caso de negar a existência de Deus, em nome da experiência, por não ser possível prová-la diretamente, segundo o desejo de muita gente... O mundo subjetivo ou mundo íntimo tem realidades que escapam a todos os critérios de comprovação prática. Alguém, porventura, já conseguiu trazer o EU na ponta do escalpelo, apesar de tudo quanto já se fez para penetrar na alma humana ou analisar intimamente a personalidade? Nem por isso seria possível negar a existência do EU profundo no ser humano.

O exagero sempre deforma a visão clara das coisas. Os próprios sentidos humanos, que são o meio mais simples ou primário de experiência, estão sujeitos a equívocos e, muitas vezes, a verdadeiras traições. Um indivíduo apaixonado ou exaltado, ainda que esteja de olhos abertos ou de ouvidos atentos, pode ver uma coisa e confundir o choro de uma criança com o grito de um cão... Os sentidos nem

sempre funcionam bem! Quem está sozinho dentro de uma casa vê coisas e figuras apavorantes, confundindo a perna de uma cadeira com uma arma de fogo... Não podemos, pois, dar tanta ênfase aos instrumentos sensíveis do conhecimento.

Se é certo que devemos prezar a experiência como caminho necessário à procura da verdade em qualquer terreno possível, também é certo que não devemos desprezar a autoridade daqueles que viveram suas experiências, mas viveram mesmo, acumulando observações proveitosas, deixando livros e depoimentos que se incorporaram à riqueza moral e cultural do Espiritismo. Trata-se de um acervo que não pode ser depreciado ou relegado ao rol das velharias, como às vezes se diz.

O maior exagero de muitos partidários da verdade positiva está justamente no fato de exaltarem demais a experiência, fazendo até pouco caso do que já existe ou do que já se escreveu. Por sua vez, os que invocam o testemunho da autoridade se esquecem de que ninguém neste mundo é dono da verdade. O sábio que era autoridade numa ciência há 50 anos, por exemplo, já não pode competir, hoje, com os que estão acompanhando o desenvolvimento científico e tecnológico. Por mais erudito, mais culto que seja um indivíduo, precisa atualizar-se, aparelhar-se com o instrumental da época, a fim de não perder o sentido de continuidade e renovação através dos tempos. Autoridade e experiência, portanto, são conceitos relativos.

Dentro deste panorama de contradições e desvios, o que se nota, no fundo de tudo, é a falta de senso de equilíbrio! Não se deve dar à experiência prática um valor absoluto, assim como não se pode atribuir ao critério da autoridade a força de uma sentença definitiva. O desencontro entre a experiência e o testemunho histórico também se observa às vezes no próprio meio espírita.

A preocupação de fazer Espiritismo exclusivamente experimental, como se fosse apenas laboratório, deixando os princípios doutrinários inteiramente à margem, leva ao exagero de uma formação inevitável — o desinteresse quase ostensivo em relação ao trabalho de outras gerações. Até parece que tudo está começando da estaca zero, como se nada se tentou nem se realizou antes... Ora, e as grandes obras, as pesquisas estafantes, as profundas elaborações do pensamento no patrimônio da literatura espírita? Estaria tudo isso obsoleto? Claro que o Espiritismo suscita e aceita novas pesquisas, tanto quanto o reexame de posições, sempre que necessário. Mas não é por isso que se deve chegar ao extremo de afastar sistematicamente as obras mais autorizadas, ainda hoje, no campo espírita, como se fossem contos da carochinha! Não...! Por mais importantes que sejam as experiências, sempre estimáveis, não obscurecem a autoridade, por exemplo, de Crookes, de Aksakof, de Bozzano, de Imbassahy, entre outros autores categorizados. Negar a autoridade desses homens, sem falar em Allan Kardec, que é a base de todo o edifício doutrinário, é querer tapar o sol com a peneira.

É evidente que não podemos ficar apenas no testemunho da autoridade, citando

Crookes, Flammarion, etc., pois é preciso estudar e investigar mais, abrir novos campos de perquirição, o que, aliás, está no espírito da própria Doutrina codificada por Allan Kardec. No entanto, também não é justo que se dê mais realce a certas experiências, inegavelmente positivas, no domínio da Parapsicologia e de outras esferas de investigação, querendo fazer crer, por causa disto, que os autores clássicos do Espiritismo, homens que estudaram, observaram e experimentaram seriamente, já não têm mais expressão de autoridade no assunto.

Convém notar, a propósito, que muitas novidades ou descobertas de hoje, se examinarmos bem, se quisermos tirar os rótulos empregados por certas escolas, não estão inovando tanto, não, como poderia parecer à primeira vista. Muita coisa já está em Crookes, em Bozzano, naturalmente com os termos cabíveis nas circunstâncias em que eles trabalharam.

Apesar de tudo quanto já se estudou e realizou em Psicologia experimental, nas técnicas psicanalíticas e nos laboratórios de Parapsicologia a respeito da natureza da alma humana e dos fenômenos inerentes à personalidade e despeito de tudo isto, ainda não se pode encostar O Livro dos Médiuns, como não se pode fechar a vigorosa bibliografia de Gabriel Delanne, cujos livros continuam sendo uma das fontes mais autorizadas no Espiritismo. Dentre eles podemos citar A Evolução Anímica, O Espiritismo perante a Ciência, A Reencarnação, etc.

(...) No terreno filosófico, finalmente, haverá porventura alguma contribuição de natureza humana ou espiritual, que já tenha suplantado a profundidade e a lucidez de pensamento de Léon Denis, autor de livros, como por exemplo, Depois da Morte, Cristianismo e Espiritismo, O Porquê da Vida, O Problema do Ser, do Destino e da Dor? Por que, pois, não estimar, não respeitar a autoridade real de certas obras que estão resistindo aos tempos com toda a integridade? Por que em suma olhar o passado com tanto desinteresse, como se tudo fosse quimera ou sonho romântico se é do passado que nos vem o lastro de experiência? Por que, afinal, relegar a herança que recebemos de outras gerações, se é através da continuidade, dos enriquecimentos e das transformações que se formam as grandes fontes do conhecimento.

Para terminar, podemos dizer que no meio espírita existem duas tendências desajustadas e, por isso, devem ser reexaminadas criteriosamente e serenamente.

Primeira: Valor quase dogmático ao testemunho da autoridade, repetindo o que já se disse, sem um passo a mais no sentido de melhoramento das aquisições científicas e doutrinárias;

Segunda: Depreciação da autoridade dos autores históricos, velada ou declaradamente, a fim de exaltar as novas experiências, desprezando tudo quanto constitui o tesouro da cultura espírita.

Ora, nenhuma das duas tendências se compatibiliza com o verdadeiro caráter do Espiritismo pois a Doutrina indica sempre, em todas as situações, o caminho seguro do bom-senso.

RESPONSABILIDADE COLETIVA

Dizer que o crime está em todos os quadrantes da civilização já é na realidade um lugar comum! Infelizmente! O fenômeno da criminalidade constitui hoje uma das maiores ameaças à vida humana e à propriedade. Nem os templos, nem o lar, nem a escola, nem o balcão, nem a fábrica... nada está seguro, hoje, porque a onda criminosa não respeita nem a fé, nem a inocência, nem tampouco o fruto do trabalho honesto, É O quadro que todos observam a cada passo.

Diante, porém, dessa realidade tão dolorosa e deprimente, cabe uma pergunta indispensável: — Estarão porventura todos os segmentos da sociedade compenetrados de suas responsabilidades? Se cada qual fizesse a sua parte, e de tal modo que nenhuma faixa ficasse distante ou indiferente, decerto as condições de vida seriam melhoradas entre as populações mais carentes. A criminalidade tem muita relação com a miséria social.

Existem, de fato, indivíduos que são predispostos ao crime e é verdade, porque não gostam de trabalhar, querendo viver de golpes. Mas não se pode generalizar neste sentido. A fome e o abandono são dois fatores mais frequentes de delinquência. Quando a fome chega ao desespero, o indivíduo perde a cabeça e, a esta altura, já não é mais responsável pelos seus atos. Há muito relaxamento, muito vício, muita preguiça, é certo, mas precisamos alargar a visão social e observar friamente que há muita falta de escola, muita falta de assistência espiritual, muita falta de educação.

Inúmeras criaturas humanas nascem, criam-se, tornam-se adultas, sem a mínima orientação para a vida, simplesmente porque sempre foram relegadas ao submundo da sociedade, como se não fossem gente. Nunca receberam educação moral, nunca ouviram uma palavra de amor ou de solidariedade. Que então podemos esperar daí?... Não seria sensato esperar saísse daí, desse ambiente obscuro e abandonado, quase sempre marcado pela repressão violenta, uma legião de seres pacíficos e sociáveis. Não!...

A própria sociedade tem a sua grande parte de culpa.

Como destruir os antros do vício e do crime sem melhorar o meio em que vivem as criaturas marginalizadas e desprezadas? É verdade que há gente cordial e honesta nos porões obscuros da vida social, obrigadas a viver em tais ambientes porque não pode ter outro modo de vida. Há também espíritos certamente em provas. Mas a prova não nos desobriga do compromisso com o próximo, em qualquer situação. Se fosse o caso de apelar para a prova, seria muito cômodo passar ao largo dizendo ao sofredor:

— É a sua prova; se você está aí é porque precisa dessa experiência.

Ora, convenhamos que não nos compete entrar em julgamento. A responsabilidade é de todos. Se todos os segmentos da sociedade conjugassem esforços em benefício do homem marginalizado pela miséria social, pela ignorância e pela falta de princípios espirituais, independentemente de cogitações raciais, de bandeira política ou de configuração religiosa, por certo que já não haveria tanto pretexto para a revolta íntima, o ódio, o crime! Voltamos a dizer: se cada qual fizesse a sua parte com amor, sem interesses ocultos, muita mudança para melhor já teria sido operada até hoje.

Sem deixar de reconhecer o trabalho meritório de outros movimentos, neste particular podemos dizer que o movimento espírita sempre fez e continua fazendo a sua parte. Os fatos aí estão no Brasil inteiro!

Nem todos quantos vivem na condição de marginalizados sociais têm formação espiritual para compreender o que seja prova ou missão em ambientes sórdidos, é justamente aí que se faz sentir a ação positiva do trabalho espírita, porque não se limita a distribuir alimentos, roupas ou remédios, mas intensifica uma ação educativa, sem preocupação de proselitismo, esclarecendo, auxiliando e reerguendo o ser humano.

Não basta a assistência social pura e simples, embora seja muito humanitária, pois é necessário, senão indispensável desenvolver a assistência espiritual também, que projeta luz no mundo interior da criatura humana apontando-lhe novo horizonte para enfrentar a luta pela subsistência. O pão do corpo reclama o pão do espírito.

Já dissemos durante uma palestra fora do meio espírita que as estatísticas sociais ainda não revelaram os resultados concretos do trabalho espírita no campo da educação e da reforma moral de muitos elementos anteriormente considerados até perigosos. Tem a nossa Doutrina alguma fórmula milagrosa, algum recurso mágico? Não. O que a Doutrina mostra aos desorientados, aos revoltados, aos desgarrados do bom caminho — é a mensagem do Cristo na vivência cotidiana. Se é verdade, finalmente, que a criminalidade se alastra de alto a baixo, também é verdade que há muita gente dedicada, trabalhando para melhorar o homem e a coletividade. E é nesta área, sem publicidade e sem vantagens materiais, que se identificam os reflexos impressionantes do movimento espírita.

(Jornal Mundo Espírita — Curitiba — PR — Agosto de 1983)

AÇÃO ENTRE ESPÍRITA PRESIDIÁRIOS

"Há poucos dias, quando me falaram pela primeira vez do Espiritismo e da revelação de Além Túmulo, ri e disse que isto não seria possível".

Quem escreveu estas palavras acima (muitos outros já disseram a mesma coisa) foi um condenado, que recebera, na prisão, um exemplar de O Livro dos Espíritos. No começo, encarou a obra com o maior desinteresse, mas pouco depois escrevia uma carta a Allan Kardec, carta um tanto longa, relatando a sua experiência e dizendo, afinal, do bem que lhe causara a leitura daquele grande livro. Allan Kardec publicou a carta na Revista Espírita de Fevereiro de 1864, exatamente sob o título O Espiritismo nas prisões.

Era um cético, um revoltado, já sem esperança de recuperação. "A princípio — dizia ele — lia com incredulidade. Mas depois, levei a coisa a sério". Leu a obra com seriedade, sem preconceito, e passou a sentir a transformação que se operava em si mesmo, dia-a-dia. Comentário da Revista: "Se tais resultados são produzidos por uma simples leitura, feita por assim dizer, às ocultas, o que seria se a ela se pudesse juntar a influência das exortações verbais!"

Realmente, se além da leitura houvesse explanação da Doutrina Espírita na prisão daqueles tempos, outros presidiários também seriam muito beneficiados! Aliás, a propósito da difusão dos ensinamentos espíritas nas prisões, como ocorre no Brasil já há muito tempo, existem experiências bem valiosas, senão edificantes. Pelo que sei, creio que desde o século passado, pelo menos no Rio de Janeiro, a palavra espírita se faz sentir nas prisões. E com apreciáveis resultados!

Lembro-me, por exemplo, de já ter visto uma fotografia em que aparece um grupo de espíritas saindo da Penitenciária, após uma palestra domingueira, há meio século, mais ou menos. Entre eles estava Manoel Quintão, vestido de fraque, segundo a moda de outros tempos. Veja-se bem: ainda no tempo do fraque, que era uma peça de alta categoria na elegância masculina, do passado. E o trabalho junto aos nossos irmãos encarcerados nunca parou. Podemos dizer que no Brasil inteiro. Não é fácil, mas se alguém, ou alguma instituição espírita, quisesse tomar a si a trabalhosa tarefa de fazer o levantamento geral, através de pesquisas, depoimentos e relatórios do que já se realizou nesse campo, seria um dos maiores documentários da influência salutar do Espiritismo como doutrina regeneradora. Já vi, com os meus próprios olhos, algumas cenas que me comoveram em contato com os presidiários. E os casos que a dona Iva Tavares nos contava, casos que tocavam o coração!... Ela sentia o problema de todos, pois levou anos a fio indo na penitenciária e conseguiu reerguer elementos que já eram considerados perdidos... Outro exemplo: dona Idalina de Aguiar Mattos continua, há anos, no Rio, dando assistência e tem hoje, uma das maiores experiências, ricas de lições. Os livros que dona Idalina já escreveu sobre o trabalho espírita entre os presidiários e os relatos que ela faz verbalmente encorajam e edificam, sem a menor dúvida.

Lembro-me de que certa vez levamos à penitenciária um confrade nosso, bastante experimentado nas lides espíritas, e que era Juiz de Direito aposentado. Pedimos-lhe que fizesse a palestra e ele escolheu um tema evangélico, elucidado à luz da Doutrina Espírita. Como penetrou na alma dos presentes, tal o sentimento

com que desenvolveu a dissertação, fazendo aplicações doutrinárias às circunstâncias da vida humana. O homem dominou o auditório. Ao terminar a palestra, um dos muitos detentos foi abraçá-lo e exclamou:

— Doutor, se eu tivesse recebido lições como esta, no tempo em que vivia sem rumo, não teria vindo parar aqui!...

Muitos e muitos outros casos do mesmo tipo poderiam ser apontados como prova da ação reeducadora da Doutrina Espírita.

É verdade que há muita exploração. Quem vai a uma penitenciária encontra gente que quer sinceramente regenerar-se, gente que sente sede de justiça, gente que é vítima da injustiça. Mas também encontra gente que conta história das mais engenhosas, gente que sabe disfarçar com astúcia. Mas, afinal, tudo isto está no quadro cotidiano da sociedade humana. Dentro de uma sociedade de reclusos, é natural que muitos façam apelo a certos expedientes para obter favores. Seja, porém, como for, o trabalho no ambiente penitenciário oferece muita surpresa, provoca emoções fortes muito fundas, mas também é um dos maiores testes da influência das ideias espíritas.

Há um problema para cuja solução naturalmente o meio espírita que já fez muito até agora, terá de fazer ainda mais. É exatamente o problema da rejeição ao ex-presidiário, ainda que regenerado. Diversos casos já foram apontados.

O fato de ter saído da prisão, como que marca para sempre a criatura humana, tornando-a inútil socialmente, é preciso levar em conta, no entanto, que aqui fora, sem nunca terem sido presos, muitos homens já foram viciados, turbulentos, desastrados, mas conseguiram reerguer-se depois de muitas decepções, quedas e dores. Caíram em si e sempre há tempo para uma tomada de posição perante a vida. E voltaram ao bom caminho. Nunca faltam oportunidades. Quando a educação trabalha o espírito, despertando o sentimento de responsabilidade e demonstrando que ninguém está definitivamente perdido, evidentemente põe à disposição do ser humano o principal instrumento de sua reforma interior.

O ex-presidiário, no entanto, fica desajustado socialmente, dominado pelo complexo de imprestabilidade, porque muitas vezes ficou marginalizado pelo preconceito, pela desconfiança... Eis aí, finalmente, outra frente de trabalho que se abre ao movimento espírita.

(Jornal Correio Fraternal do ABC — São Bernardo do Campo — Maio de 1980)

EXPERIÊNCIA SOCIAL

Embora seja um lugar comum e não passe portanto de uma dessas verdades que todos conhecem, o certo é que não há, neste mundo, quem vive inteiramente sem problemas. Muitos conseguem disfarçar bem os seus problemas, ainda que estejam torturados interiormente, enquanto outros extravasam todas as suas preocupações, muitas e muitas vezes em estado de desespero ou depressão

profunda.

Há problemas que são passageiros e, na realidade, inerentes a interesses materiais ou decorrentes da posição social, que também provoca muita inquietação e angústia. Há pessoas, por exemplo, que se martirizam psicologicamente pelas coisas mais corriqueiras, como se tivessem uma importância decisiva na vida. Quanta gente há, por aí, que vive reclamando, chorando e até esbravejando, como se tivesse perdido um bem muito precioso ou estivesse sofrendo pesada injustiça, mas o motivo não é tão sério como parece.

Tudo depende, pois, do prisma pelo qual tais pessoas encaram a vida. Nessas reações, que nos parecem tão despropositadas, justamente porque já pensamos de outro modo ou já vivemos outras experiências, nessas reações (repetimos) devem ser levados em conta uns tantos fatores convergentes: a formação de cada pessoa, as ideias religiosas, a educação, os valores que muitos cultivam, o meio em que estão situadas, e assim por diante. Nem todos têm os mesmos valores nem poderiam ver as coisas através do mesmo ângulo.

Há pessoas, por exemplo, que se sentem humilhadas, ficam revoltadas e terminam adoecendo mesmo, e de tal forma que chegam a passar as suas preocupações aos outros, por força do contágio emocional ou pela insistência com que fazem as suas queixas! Quando, porém, se faz alguma tentativa para ajudar ou pelo menos com a intenção de saber qual a causa séria de tantas lamúrias e de tanta reclamação, tanto desespero, o que se verifica, em muitos casos, é apenas isto B uma frustração dolorosa porque não foi convidada para uma festa; uma decepção amarga, porque deixou de ser incluída na lista de uma comissão de recepção; uma inconformação apenas por não ter podido ir a um banquete de alto nível; um despeito verdadeiramente acabrunhador simplesmente por não ter condições de fazer parte de um clube onde se reúnem os elementos da chamada alta sociedade. E muita gente sofre, realmente, por causa dessas frustrações.

Tudo isso afinal são exterioridades, mas tem a maior significação na vida de certas criaturas, permanentemente condicionadas pelas necessidades aparentes. Há ocorrências, neste particular, que parecem atos de loucura! Lembremo-nos, por exemplo, de um caso, que se passou no Rio de Janeiro, já há muitos anos, no primeiro dia de Carnaval. Foi exatamente o caso de uma senhora (não era nenhuma jovem ou mocinha inexperiente, não) que chegou ao extremo de atear fogo à própria roupa, tal o desespero em que se encontrava, porque não podia acompanhar o cortejo carnavalesco naquele ano, por causa de aperturas financeiras! Faltava dinheiro para comprar a fantasia. O Carnaval, a bem dizer, era tudo na vida dessa criatura. Sentindo-se inferiorizada com a frustração carnavalesca, perdeu a cabeça, como se diz, e queria suicidar-se no auge da aflição.

Aquilo, afinal, que constitui uma necessidade suprema para certas pessoas, naturalmente não passa de uma futilidade para quem já amadureceu um pouco em relação a umas tantas coisas e, por isso mesmo, as grandezas da sociedade já não

têm mais importância, a não ser nos limites do necessário ou inevitável, pois ainda estamos na Terra, sujeito às injunções sociais. Cada qual, em sua faixa de experiência, vê a vida de um modo. Há pessoas que sofrem muito ou ficam deprimidas quando não podem participar de determinados atos de evidência, como se estivessem sido esmagadas ou postas à margem de tudo. Outras, no entanto, já passaram por essas emoções, também já renderam culto à esses valores, mas atualmente não se preocupam mais com as imposições convencionais, justamente porque estão voltadas, agora, para aspectos da vida.

É precisamente aqui que se faz sentir o equilíbrio do ensino espírita. O Espiritismo não condena as satisfações da vida social, mas nos adverte quanto aos abusos ou excessos. Até certo ponto, temos de acompanhar a vida social, até mesmo por necessidade profissional. O espírita não pode ser insociável ou sistematicamente arredio. Mas também não deve chegar ao exagero de se escravizar a obrigações puramente sociais, como se fossem a razão de ser da vida! Não nos esqueçamos de que existem necessidades reais muitas vezes preponderantes, assim como existem outras artificiais, criadas por mera imitação ou pela concentração exagerada em preocupações irrelevantes. Acontece, porém, que nem todos conseguem superar facilmente as imposições exteriores. Para certas pessoas, por exemplo, até a própria futilidade tem uma importância considerável. Problema de tempo e de amadurecimento, é bom repetir. A experiência social ensina muito.

O meio espírita é um campo de observações muito interessantes sob este ponto de vista. E às vezes, senão muitas vezes, os expositores da Doutrina se defrontam com problemas tão complexos que o trabalho de esclarecimento se torna difícil, tão difícil como a doutrinação de um espírito desorientado nas sessões mediúnicas. É o caso de pessoas que viviam inteiramente à margem das coisas do espírito, nunca pensaram sequer em problemas profundos, porque sempre se impressionaram demais com as exterioridades. De um momento para outro, quando sobrevém uma crise emocional, ou quando surge um problema grave, fazem apelo ao Espiritismo, mas não têm nenhum preparo espiritual. Esperam uma solução rápida, uma informação categórica no primeiro momento, mas se ressentem da falta de embocadura para o conhecimento de ordem espiritual, a que sempre foram estranhas. Quando se deparam esses problemas, e são frequentes nas instituições espíritas, naturalmente- 63 te nós tiramos uma lição, também para o nosso uso: o interesse demasiado pelo aspecto acessório da vida, o apego absorvente ao que é superficial e transitório, muitas vezes sem dar tempo a meia hora pelo menos de meditação acerca do lado sério e essencial da realidade, responde pelos estados de neurose e pela desorientação, em grande parte.

É a lição extraída, a cada passo, da própria realidade cotidiana, pois muita gente ainda troca os valores fundamentais pelos artificiais. A Doutrina Espírita é uma fonte de ensino e advertências também neste sentido.

(O Médiun - Juiz de Fora - MG - Julho de 1979)

IDIOTIA E LUCIDEZ

Sem a chave da reencarnação, jamais poderíamos compreender certos fatos e episódios que se nos deparam na literatura espírita ou através de nossas próprias observações. Conta-nos Allan Kardec, por exemplo, na Revista Espírita, de junho de 1860, o caso de um idiota, um menino a bem dizer de 13 anos, completamente imbecilizado, mas que recobrou a consciência e chegou a revelar a causa de sua prova, assim que se viu temporariamente livre das contenções corporais. Idiota, na acepção comum, pois apenas conseguia comer, mas nem ao menos seria capaz de reconhecer os próprios pais. As faculdades intelectuais estavam inteiramente bloqueadas pelas anomalias do organismo. Pois bem, durante uma sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e com orientação do guia espiritual dos trabalhos, submeteu-se o menino a uma experiência, cujo resultado provou cabalmente que o espírito continuava lúcido e, portanto, consciente de sua situação. Uma vez de volta ao corpo, sujeito às deficiências da organização cerebral, ficava absolutamente incapacitado para raciocinar ou explicar-se com quem quer que fosse, pois não tinha condições de formular uma frase ou fazer a mais simples associação de ideias.

Durante o diálogo que se estabeleceu entre o espírito (fora do corpo) e o dirigente da sessão, houve uma conversa franca, como se se tratasse de pessoa em tudo por tudo normal. Perguntou-se-lhe claramente porque, estando fora do corpo, falava com toda a lucidez, sem a mínima perturbação intelectual, ao passo que, na condição de uma criatura humana ou unido ao corpo, se caracterizava por uma idiotia tão flagrante, tão lamentável, inspirando até piedade. Ao que o espírito respondeu seguramente:

— Quando meu corpo infeliz repousa, estou um pouco mais livre para me elevar ao céu a que aspiro.

O corpo dormia, certamente sob ação hipnótica, mas o espírito conversava descontraidamente, reconhecendo que estava passando por uma prova. A certa altura perguntaram-lhe se ele se lembrava de sua existência anterior e a resposta veio rápida, nestes termos:

— Ó sim! Ela é a causa de meu exílio atual.

Disse ele, afinal, que tivera a vida de um jovem libertino ao tempo de Henrique III. Abusara da juventude, certamente praticara desatinos muito graves, tendo-se comprometido seriamente e, por fim, estava ali, reencarnado como idiota. O dirigente dos trabalhos quis ainda saber se, no estado de vigília, tinha ele consciência de sua situação, se sabia realmente de sua precária condição física de incapacidade.

— Vejo, disse ele — entendo, mas o corpo não compreende nem vê.

Claro que ele tinha, quando não fosse a consciência total de seu estado, pelo menos intuições da prova a que estava sujeito, em consequência dos abusos da existência anterior. E queria redimir-se, estava no propósito de transpor a punição.

No final, Allan Kardec faz uma observação muito esclarecedora, da qual extraímos esta afirmativa: "Sua nulidade moral não significa nulidade do Espírito, que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as faculdades".

Realmente, o que está avariado é o corpo, não é o espírito, mas o corpo que é o instrumento pelo qual o Espírito manifesta a sua vida mental. Com um cérebro defeituoso e membros deformados, o espírito se vê como que enjaulado, impossibilitado de se comunicar com o mundo exterior. Justamente por isso ele falou em exílio. De fato, um espírito que se encontra nessa situação, vive como exilado, distante de tudo e de todos, como se tivesse sido colocado no deserto sem nenhum meio de contato com os seus semelhantes.

Podemos tirar daí duas lições consequentes:

Em primeiro lugar, o cumprimento da lei com implicção moral, pois o espírito viera como idiota justa mente por causa do mau uso da inteligência e dos vícios a que se entregara no passado.

Em segundo lugar, uma lição de ordem filosófica, visto como o espírito não perde as suas faculdades nem a memória do passado, pelo fato de estar passando por uma encarnação que lhe crie dificuldades de raciocínio e de expressão.

Enquanto está sob a ação da matéria, parece uma criatura completamente nula, porque não sabe o que diz, não sabe responder às solicitações do mundo em que se encontra. Tão logo se desprende um pouco, retoma toda a memória, toma consciência de si, como que se recompõe histórica e psicologicamente. Então, daí se segue, pela lógica da reencarnação, que as anomalias do corpo, por mais extravagantes ou deprimentes que nos pareçam, não interferem naquilo que é do espírito: sua personalidade, sua consciência, seus conhecimentos, seu senso moral.

O corpo deformado, que contém o espírito no exílio de uma prova inevitável, tem apenas uma função instrumental, porque é nele (no corpo) que o espírito faltoso encontra o instrumento de luta contra o meio, como é no corpo, além de tudo, que o espírito realiza a sua experiência reencarnatória, segundo a escolha da prova redentora (O Livro dos Espíritos, questão 258).

Há, entretanto, casos especiais de espíritos que pedem provas superiores às suas forças. (Veja-se logo adiante a questão 269). Enfim, são enigmas que desafiam a Filosofia puramente especulativa, como desafiam a Psicologia teórica, tanto quanto desafiam a lógica usual do raciocínio formal. E somente à luz da reencarnação podemos entender problemas de tal ordem e complexidade.

(Revista Presença Espírita - Salvador - BA - Fevereiro de 1981)

PROJEÇÃO E COMUNICAÇÃO

Segundo algumas observações críticas, que não parecem inteiramente destituídas de fundamento, ainda se nota muita prevenção contra as teses espíritas em determinados meios culturais. Embora a Doutrina tenha um conteúdo cultural que lhe dá amplitude para tocar em diversos domínios do conhecimento humano, com inegáveis implicações filosóficas e sociais, o certo é que ainda existe, realmente, muita restrição por parte de grupos intelectuais, que não conhecem o Espiritismo, a não ser muito por alto, e assim mesmo por meio de informações ocasionais, quase sempre deformadas.

Entre as admissíveis causas de retraimento ou desconfiança em relação a tudo quanto se refere ao Espiritismo, não seria despropositado levar em conta, antes de tudo, a falsa ideia de credice, infelizmente ainda dominante. O preconceito intelectual, pelo menos no espírito de certos pronunciamentos, vê o Espiritismo por um prisma completamente defeituoso, como se fora mera devoção popular desfigurada. É o que muita gente pensa, no âmbito de algumas rodas intelectuais.

Um dos fatores dessa falsa concepção do movimento espírita é a confusão, que se lança constantemente, em jornais e revistas, com a exploração de cenas exóticas e às vezes até macabras, como se fossem práticas espíritas ou tivessem alguma relação com o Espiritismo! A falta de informações fidedignas leva a equívocos e atitudes desconcertantes. É lamentável o que se vê a cada passo quando se trata de Espiritismo.

Lembro-me bem, por exemplo, de que uma vez fui convidado, por um jovem, em nome de pequeno grupo de seus colegas, para fazer uma palestra no salão de tradicional estabelecimento de ensino. Aceitei prazerosamente o convite, cheguei à hora certa e encontrei o salão completamente cheio, pois muitos alunos, que não eram espíritas, compareceram por simples curiosidade. Mas o jovem contou-me, depois da reunião, que fora primeiramente ao Gabinete a fim de solicitar a necessária autorização para promover a palestra espírita, como aliás era de sua obrigação. Obteve a permissão, sem dificuldades, mas o Diretor, delicadamente, lhe fez uma pergunta final, a título de recomendação ou advertência:

— E não vai baixar santo, não?!...

Veja-se que a ideia de "receber santo", como diz muita gente, logo se associa, assim que se fala em reunião espírita. Ainda que seja pela força do hábito, é sempre uma restrição subjetiva, às vezes até com intuito depreciativo.

O problema existe, está à vista de todos. Apesar de tanta divulgação que se faz constantemente pela imprensa doutrinária e pelo rádio, além da inegavelmente abundante literatura que se espalha a bem dizer em todas as latitudes através de livros elucidativos e consistentes, a dolorosa verdade é que, em muitas áreas

culturais ainda prevalecem noções incongruentes acerca do Espiritismo. Embora as pessoas esclarecidas já saibam muito bem que o Espiritismo é assunto sério, e para ser tratado com toda a seriedade, pois não é passatempo nem adivinhação ou coisa equivalente, a informação deturpada tem muita influência na opinião pública e, por isso mesmo, cria um estado de espírito ostensivamente negativo, com prevenções e desconfiança. Em parte, o sensacionalismo prejudica muito o conceito do movimento espírita, principalmente entre as pessoas que gostam de prejudicar pelas primeiras informações, sem levar em conta o exame das fontes.

Mas também precisamos considerar que, em parte, o nosso movimento ainda não está suficientemente bem aparelhado para a divulgação das ideias espíritas fora do meio espírita. Se houvesse mais comunicação neste sentido, se já tivéssemos aproveitado boas oportunidades para uma divulgação mais ampla e mais condizente com a mentalidade do movimento, provavelmente certos preconceitos já teriam desaparecido do cenário cultural.

Cabe aqui um caso ilustrativo, relatado por um amigo, que pertencia ao quadro efetivo de uma das Academias de Letras estaduais. A biblioteca da Academia teria recebido uma coleção de livros espíritas, mas o presidente (não por motivo religioso, pois era indiferente aos problemas desta ordem) achou que não era matéria para figurar na biblioteca de uma Academia de Letras e, por isso, queria retirar os livros da estante, o que levou o meu amigo acadêmico a intervir e reclamar:

— Não, senhor, se a biblioteca recebe livros de todos os gêneros, e não apenas obras estritamente literárias, por que não deve ter obras espíritas?

Venceu a objeção contra a ideia do presidente da Academia.

Agora, podemos perguntar: — E a literatura espírita não engloba também romances, contos, poesia, novelas, por exemplo?

É uma contribuição literária de outra natureza, mas não deixa de ser literatura. Preconceito intelectual e nada mais.

Sob este ponto de vista, a nossa comunicação ainda é um tanto restrita. Ressalvando-se os encontros esporádicos em Universidades, o que já se deu mais de uma vez, e é inteiramente válido, não temos propriamente um trabalho bem planejado para difundir a Doutrina em ambientes estranhos, o que seria muito útil, sobretudo para remover velhas barreiras preconceituosas. Tem-se a impressão de que o meio espírita e a vida cultural são dois mundos cada vez mais distanciados pela indiferença e pela falta de Intercâmbio.

Não se pode continuar assim indefinidamente. O pensamento espírita, pela sua profundidade e pela sua visão universalista do saber, tem elementos para enriquecer a inteligência inquiridora e honesta em qualquer faixa cultural. O que falta é comunicação mais compreensiva. Certas atitudes assumidas no meio espírita contra iniciativas culturais, contra o debate e a crítica, com inexplicáveis pretensões de intocabilidade, concorrem inadvertidamente para que sejamos às

vezes apontados como elementos à parte, enclausurados no sectarismo de uma fé obsoleta. Daí o preconceito ainda maior em relação ao movimento, É uma imagem completamente destituída de fundamento, sabemos disto, mas é a ideia que fica. Assim, não podemos virar as costas, com desinteresse ou desprezo, a certas experiências, ainda que realizadas fora do nosso meio. A Doutrina Espírita é, por índole, comunicativa. Se não houver comunicação, como poderão os princípios espíritas exercer influência na transformação do homem e da sociedade?

Há 10 anos, mais ou menos, um grupo de bacharelados em Direito, adeptos da Doutrina, reivindicou com muita firmeza a inclusão de uma solenidade espírita no programa oficial de formatura, em igualdade de condições com os colegas de outras religiões, aliás com apoio na própria Constituição da República. Houve com efeito a solenidade, muito significativa, contando com a presença de elementos não espíritas, mas solidários com os colegas. Tudo oportuno e muito bonito. No entanto, houve quem dissesse, no meio espírita, que tais atos são incompatíveis com o Espiritismo, porque lembram cerimônias gratulatórias do Catolicismo. São atitudes desse tipo que às vezes nos comprometem perante outras áreas de pensahiento. Ora, no momento exato em que alguns moços fazem questão de dar testemunho público de suas convicções espíritas, no ato de colação de grau, que é um ato cultural, como alegar imitação do Catolicismo, se é uma afirmação espírita no lugar e no momento mais adequado?...

De outra feita, convém lembrar, organizou-se um movimento para comemorar determinada data espírita — 18 de abril — em recinto estranho ou neutro, como se diz, sem prejuízo das comemorações que as sociedades espíritas deveriam levar a efeito. Pensava-se em dar mais relevo à grande data espírita e, por isso, a comissão escolheria um salão especial, com o objetivo de apresentara mensagem espírita, não somente aos espíritas, porém a pessoas leigas no assunto. Seria uma boa oportunidade para os oradores exporem a *Doutrina* perante um auditório pelo menos estranho em parte. Pois bem, houve objeção à ideia ê por isso a ideia falhouí Qual o motivo da recusa? Simplesmente este: as comemorações espíritas devem ser efetuadas dentro das casas espíritas, nunca lá fora... É a velha noção de que as ideias espíritas devem ser explanadas entre quatro paredes.

Como, pois, incentivar a comunicação com o mundo exterior diante de restrições tão rígidas? Precisamos considerar demoradamente este problema, pois o pensamento deve comunicar-se mais, através dos meios que sejam compatíveis com a dignidade e a pureza da Doutrina dos Espíritos.

(Mundo Espírita - Curitiba - PR - Setembro de 1979)

DEPOIMENTOS INSUSPEITOS

O fato de não ser espírita, como ocorre algumas vezes, não enfraquece nem invalida o testemunho de quem quer que seja que se pronuncie honestamente sobre o Espiritismo, diante de fatos comprovados. Pelo contrário, o depoimento pode até ter um sentido mais forte quando a pessoa faz declarações que não tem compromisso com as ideias espíritas e, portanto, é insuspeita.

Temos desses casos na literatura espírita.

William Crookes, como sabemos, realizou um trabalho notável, deixou resultados indiscutivelmente positivos, fez declarações francas, passando por cima dos preconceitos acadêmicos, porém não se pronunciou sobre a Doutrina Espírita. Não nos consta até hoje que tenha feito leituras doutrinárias... No entanto, Crookes prestou um serviço inestimável à causa espírita com as experiências de materializações.

Cesar Lombroso, por sua vez, depois de haver negado e combatido as manifestações mediúnicas, curvou-se à evidência das provas, chegando a declarar-se escravo dos fatos. Mas não se integrou na Doutrina. E verdade que, mais tarde, modificou um pouco o seu modo de ver. No que diz respeito ao testemunho público, depois de haver reconhecido as manifestações do outro mundo, o papel de Lombroso sempre foi e continua sendo até hoje dos mais valiosos em defesa do Espiritismo. Sob o ponto de vista especificamente doutrinário, preferiu ficar equidistante das questões filosóficas relativas às causas e conseqüências do fato mediúnico. Mas a literatura espírita recebeu dele uma contribuição das mais sérias e corajosas.

Frederick Zöllner fez experiências das mais convincentes, assim como Crawford, que deixou até uma obra sobre Mecânica Psíquica, mas nenhum dos dois se confessou interessado nas implicações doutrinárias e muito menos nas especulações de ordem filosófica e ética do Espiritismo. No entanto, convenhamos que trouxeram inegavelmente enriquecimento válido ao Espiritismo.

O ilustre baiano Professor Pinto de Carvalho, uma das grandes expressões da Medicina em seu tempo, também homem de letras, tanto assim que foi presidente da Academia Bahiana de Letras, comprovou o fato mediúnico e deu testemunho, como tantos outros. Entretanto, pelo que soubemos, não quis que o considerassem espírita, naturalmente por motivo de convicção filosófica ou religiosa, o que não nos compete apreciar. Reconheceu o fato embora não entrando em cogitações doutrinárias.

Cabe aqui recordar um exemplo dos mais característicos — Fernando Ortiz, autor da conhecida obra *A Filosofia Penal dos Espíritas*, cuja tradução feita por Carlos Imbassahy foi lançada pela Lake, de São Paulo. Ora, Fernando Ortiz

começa o livro exatamente assim: "Não sou espírita". Fez questão de dizer que não admitia, não repelia, não discutia princípios espíritas, como também não se interessou em analisar os fenômenos supranormais. Pois bem, apesar disto, escreveu uma obra muito útil ao Espiritismo. Parece estranho... É curioso, curiosíssimo aliás, que, sem ser espírita, tivesse ele encontrado no corpo da Doutrina Espírita um filão imenso a respeito da Criminologia, justamente a sua especialidade, professor que foi da Universidade de Havana.

(...) Nesta área, aliás, muito sugestiva, além de Ortiz, temos dois outros autores que também voltaram-se para as conexões do Espiritismo com a Criminologia e as Escolas Penais. Foram eles Picone Chiado (Itália) e P. Yotopoulos (Grécia). Tendo estudado apenas um dos aspectos do pensamento espírita, no qual encontrou apreciável coincidência com as suas concepções acerca da Criminologia, Fernando Ortiz deu, portanto, a sua parte de enriquecimento à cultura espírita.

Tudo isso nos leva a considerar, finalmente, que o Espiritismo é tão sólido, oferece tantas sugestões e tantos recursos culturais, que até mesmo escritores e pesquisadores declaradamente não espíritas encontram nele o que estudar e refletir com seriedade.

(Jornal Mundo Espírita - Curitiba - PR - Novembro de 1983)

Discípulos de ALLAN KARDEC

Podemos indicar os discípulos de Allan Kardec, sem esquematização rígida, pelo menos em dois grupos: os históricos e os que, através dos tempos, procuram identificar-se mais com o pensamento do Codificador. O grupo histórico é muito pequeno, porque se resume naqueles que, estando em Paris no começo do movimento espírita, conviveram com Allan Kardec dele recebendo, diretamente, a influência de sua personalidade e absorveram os ensinamentos que Kardec ministrava nos círculos mais íntimos. Os outros, os que se espalharam pelo mundo no decorrer dos tempos, beberam os conhecimentos espíritas nas obras doutrinárias e, tanto quanto possível se identificam com as linhas básicas da Codificação.

Há os aderentes ou adeptos gerais, mas nem todos são discípulos de Allan Kardec, na realidade. Discípulo é aquele que afina com o mestre, vibra em consonância com ele, esforçando-se por seguir-lhe os exemplos, sem espírito sectário, evidentemente quem é sectário ou intolerante não pode ser tido como discípulo, justamente porque um dos traços mais afirmativos de Allan Kardec, quando bem compreendido, é a largueza de ideias, a preocupação com o sentido universal da cultura.

Há pessoas que aderem à Doutrina, chegam a estudá-la sincera e meticulosamente, mas apenas por interesse intelectual ou curiosidade transitória

e, por isso mesmo, não sentem certas facetas, não apreendem umas tantas sutilezas inerentes à orientação de Allan Kardec.

Na vida escolar, por exemplo, muitos antigos alunos continuam sendo discípulos de seus mestres pela vida em fora. Daí a diferença entre discípulo e aluno. A condição de simples aluno é uma contingência da formação intelectual ou profissional, ao passo que o discípulo se forma, aos poucos, pelas afinidades, pelos laços afetivos, que se criam e se consolidam pelo tempo, dentro e fora da escola. Assim, há instrutores e professores que tiveram muitos alunos mas não fizeram propriamente discípulos, na acepção estrita do termo. Outros, porém, conseguiram transformar muitos alunos em discípulos pela comunicação profunda, pela influência que tiveram até na personalidade dos alunos, e não apenas pela convivência nas aulas ou pela rotina dos contatos. Discípulos, portanto, são aqueles em quem o mestre deixa raízes mais firmes, guardam, por isso mesmo, para sempre os reflexos de sua irradiação, seus exemplos, suas diretrizes.

Allan Kardec não teve alunos de Espiritismo, no sentido específico, embora tivesse sido ele professor de diversas matérias. Mas viveu ensinando a Doutrina Espírita, não simplesmente pelos esclarecimentos ocasionais, mas pelas afirmações, pela coerência de suas ideias e, acima de tudo, pela força de sua convicção. Teve discípulos, sim, e discípulos que nunca mais se afastaram espiritualmente do Codificador da Doutrina. Entre os históricos, inegavelmente, além de outros, dois deles se distinguiram muito, e sempre honraram a memória de Kardec — Gabriel Delanne e Léon Denis. Aproximaram-se do Codificador quando ainda eram moços, sentiram o influxo de sua irradiação pessoal e abraçaram a Doutrina através de duas direções claras: científica e filosófica. Nenhum dos dois tergiversou na direção básica, antes pelo contrário reforçaram os princípios centrais do ensino espírita.

Gabriel Delanne, pela sua formação, dedicou-se muito ao campo científico e, neste terreno, deixou obras ainda hoje autorizadas como fontes de consulta. Poderíamos lembrar *O Espiritismo perante a Ciência*, *O Fenômeno Espírita*, *A Evolução Anímica*, *Investigações sobre a Mediunidade*, dentre outros trabalhos do mesmo nível. Mas Delanne, apesar de ter mais vocação científica, entrou igualmente na esfera filosófica. Bastaria lembrar uma de suas obras, entreos livros chamados clássicos da literatura espírita: *A Reen- carnação*. Quando ainda não se falava em Parapsicologia, nem se conheciam certos termos técnicos e muito menos as siglas hoje em uso, Delanne já investigava os fenômenos de telepatia, aparições, psicometria, etc. Pouco se fala atualmente em Delanne, mas o certo é que os seus livros poderiam ser confrontados com os mais alentados de Parapsicologia. Quando ouço dizer, às vezes, que o Espiritismo está superado pela Parapsicologia (?) fico pensando no Livro dos Médiuns, que é um livro relativamente popular, mas bem pouco interpretado. E é, no entanto, como já se sabe, um tratado de Parapsicologia, embora muita gente não se aperceba disto.

Os rótulos têm muita influência... Gostaria de remeter certas pessoas, que se impressionam muito com termos técnicos e fórmulas simbólicas, a duas grandes fontes apenas: A Evolução Anímica e Investigações sobre a Mediunidade. Poder-se-ia ver, por aí, que Gabriel Delanne se antecipou em relação a umas tantas descobertas hoje propaladas e exaltadas com tanto calor.

Com relação ao segundo discípulo de Kardec por nós antes citado, quer dizer, de Léon Denis, que representa o pensamento filosófico do Espiritismo em sua expressão mais legítima, também se pode dizer que deu boa contribuição à parte científica da Doutrina. Sua produção abrange, em síntese, todos os aspectos do Espiritismo: filosófico, histórico, moral, científico... Entre outros livros, escreveu, por exemplo: No Invisível, O Porquê da Vida, Depois da Morte, O Grande Enigma, Cristianismo e Espiritismo, etc. Há, entretanto, uma obra mais extensa na qual ele condensa a Doutrina Espírita em seus fundamentos e em suas consequências: O Problema do Ser, do Destino e da Dor. Obra sólida, sob todos os pontos de vista onde há erudição e há interpretação. Léon Denis dá uma contribuição própria sobre os fundamentos científicos e filosóficos do Espiritismo.

Verdade é, no entanto, que dois autores de peso como Delanne e Denis, ficam à margem de certas discussões quando poderiam na realidade, elucidar muitos problemas atualmente em foco do campo da Parapsicologia como da Psicanálise e assim por diante. São, finalmente, eles dois, os maiores e mais completos discípulos de Allan Kardec.

(Obreiros do Bem * Rio de Janeiro - RJ - Junho de 1975)

PERÍODO PSICOLÓGICO

Segundo uma observação de um leitor da Revista Espírita, em carta dirigida a Kardec, o advento do Espiritismo inaugurou o período psicológico no pensamento ocidental, em relação ao período anterior, muito marcado pelas ciências físicas e matemáticas. Queria ele dizer, e não deixa a menor dúvida em suas palavras, que já estava a escoar-se o ciclo das ciências de laboratório e do primado da Matemática, pois àquela altura já se começava a tomar interesse bem maior pelos problemas espirituais. Seria então o período psicológico, assinalando o marco de uma transição das ciências físicas e matemáticas para os estudos atinentes aos fenômenos psíquicos e à vida espiritual.

Allan Kardec inclusive transcreveu a carta, na revista de abril de 1858, sob o título "Período Psicológico". É bom lembrar que a Revista Espírita se apresentava inicialmente como Jornal de Estudos Psicológicos. A expressão naturalmente pressupõe a intenção de assinalar uma perspectiva nova, dando ênfase à Psicologia, que era entendida genericamente como ciência da alma. O conceito com o tempo modificou-se profundamente. Mas o certo é que, naquela quadra histórica, o simples fato de aparecer um "jornal de estudos psicológicos"

(La Revue Spirite) já significava pelo menos uma tomada de posição, visivelmente contrária aos exageros do chamado "espírito positivo", sempre prevenido contra qualquer inquirição acerca de outras realidades além do campo habitual das ciências clássicas.

De fato, já houve uma fase em que a Biologia, por exemplo, concentrava preocupações dominantes e, por isso mesmo, tentou-se estabelecer conexões naturais entre os fenômenos biológicos e os sociais. Tinha-se a impressão de que a Biologia seria capaz de explicar todo o mecanismo da vida individual e da vida social, tal a importância que se lhe atribuía no conjunto dos conhecimentos humanos.

Também já houve tempo em que a Física a bem dizer predominou como rainha do saber. E tivemos o período de apogeu das soluções matemáticas como a última palavra. A experiência histórica revela, através de fases sucessivas, que sempre se deu mais relevo a este ou àquele ramo do conhecimento em determinado momento. Não tivemos nas renovações contemporâneas o quase reinado da Sociologia, invocada a todo instante e a propósito de tudo? No mesmo período ou pouco depois, veio a influência dos valores econômicos, o que permitiu à Economia ocupar um lugar de maior projeção ainda. Concomitantemente, estamos vivendo sob a preponderância da Tecnologia, caracterizando bem a situação atual, como fenômeno decorrente, principalmente, depois da II Guerra Mundial. E depois?... Podemos apenas fazer conjecturas, mas não podemos arriscar uma previsão segura. Seja como for, a despeito da evidente expansão e precedência dos valores materiais, nossa convicção continua firme em relação ao reinado do espírito.

Pois bem, o correspondente de Allan Kardec, em 1858, atento leitor da Revista Espírita, estava prevendo justamente uma direção de pensamento mais voltada para os estudos psicológicos, o que, aliás, não poderia deixar de encontrar toda a receptividade no Codificador da Doutrina. Realmente, a Psicologia, naqueles tempos, era chamada correntemente ciência da alma e pressupunha, por isso, uma posição muito contrária às tendências materialistas. Todavia, a história da Psicologia apresenta as suas intermitências, suas curvas ora neste sentido, ora naquele, como de resto a história de todas as outras disciplinas científicas.

Primeiramente a Psicologia situou-se no domínio da Filosofia, nada mais e nada menos do que objeto da razão especulativa. Mas a Psicologia filosófica, como alguns preferiam dizer, inteiramente concentrada no plano racional, não pode resistir, mais *tarde*, a certas injunções culturais, notadamente por influência do Positivismo.

Tendo deixado de ser uma disciplina filosófica, tal como era entendida, veio a Psicologia enquadrar-se na Biologia e, conseqüentemente perdeu a antiga posição de ciência da alma ou ciência da vida espiritual. Não faltaram, depois, as reações, não propriamente com a preocupação de restaurar o primado espiritual, mas com o objetivo de tornar a Psicologia uma disciplina inteiramente independente, não mais

uma espécie de apêndice da Filosofia nem da Biologia.

Atualmente, na realidade, o campo da Psicologia está dividido em escolas e correntes diversas, por vezes até conflitantes. Consequentemente não seria possível determinar, hoje em dia, uma posição que sirva, pelo menos, de denominador comum, quer dizer, uma posição pacífica. 1 ela verdadeiramente uma ciência da alma como tanto se proclamou? Este conceito, presente mente, está sendo muito marginalizado nas classificações acadêmicas.

Se o que se pretende por alma é o espírito — princípio individualizado, consciente e independente do corpo — pois é justamente esta a concepção espírita, é óbvio que a Psicologia empírica não está de nosso lado. E, por isso, muitos dizem que a Psicologia é apenas a ciência dos fenômenos, com inteira abstração de qualquer discussão a respeito do espírito, que deve ser domínio da Filosofia ou da Religião, e nunca da Ciência.

Muitos outros, mais identificados com o Behaviorismo, consideram a Psicologia como ciência do comportamento, porque só se preocupa estritamente com o que é objetivo ou exterior nas reações humanas e, portanto, nada tem que ver com os problemas do espírito ou sobrevivência depois da morte, e assim por diante.

Seria longa a lista de definições e conceitos. Cada definição corresponde naturalmente à tendência de uma escola. Ainda no século XIX, Dilthey (filósofo alemão) procurou estabelecer até onde lhe foi possível uma linha divisória entre as ciências que tratam dos fenômenos da natureza (Biologia, Química, Astronomia, etc.) e as ciências que têm por objeto o ser humano, quer em suas manifestações psíquicas, quer em relações aos valores culturais e à convivência com os seus semelhantes. A estas últimas Dilthey deu a denominação de ciência do espírito, intencionalmente para fixar diferença perante as chamadas ciências exatas. Então, as ciências do espírito seriam a Psicologia (tomada como base), a Sociologia, a Antropologia, por exemplo. São ciências que, convergentemente, se voltam para o homem, cada qual com o seu campo de interesse. Posteriormente, porém, mudou-se a designação para ciências humanas.

Presentemente, no entanto, a rubrica de Ciências Sociais abrange todo esse grupo, incluindo até a História. O centro, afinal, é o homem, visto por prismas específicos, segundo a natureza e a metodologia cabível em cada disciplina científica.

Muito bem! Depois desta sumária explanação apenas para que possamos situar a posição espírita no quadro histórico, temos de reconhecer que o Espiritismo abriu, realmente, um rumo novo no pensamento ocidental, sejam quais forem as críticas e objeções, tanto de ontem como de hoje.

Em primeiro lugar, não se pode negar, honestamente, que os fenômenos objetivos, submetidos a critérios científicos no século passado, pelo menos chamaram atenção para uma realidade diferente com que estavam habituados os homens mais afeitos às ciências exatas. Fosse como fosse, esses fenômenos,

documentados por depoimentos irrefutáveis, despertaram preocupação científica, ampliando a visão do homem perante os conhecimentos da época.

Em segundo lugar, e em decorrência das próprias preocupações científicas, a interpretação espírita provocou certas indagações acerca da origem dessa força desconhecida, isto é, uma força não definida nos esquemas da Física nem nas leis da Química e muito menos sujeitas às fórmulas matemáticas usuais. Abriu-se, então, uma faixa de especulação filosófica *inteiramente fora da* terminologia acadêmica da época. Concomitantemente, na mesma linha de encadeamento, a contribuição espírita à elucidação dos problemas do espírito levou muita gente a pensar na existência de Deus, não mais pelos cânones da tradição religiosa, mas pelo crivo da razão em terceiro lugar. Em consequência, Deus deixou de ser obedecido por medo, mas amado pela confiança, o que repercutiu muito no problema religioso.

Justamente por isso, quando Allan Kardec se referiu à inauguração (vamos dizer assim) de um período psicológico (embora tanto se diga hoje em dia que a Psicologia não é ciência da alma), o que ele tinha em vista, na realidade, era o advento do primado do espírito. E é a polarização para a qual nos leva o Espiritismo, não importa o desenvolvimento espantoso das ciências e da Tecnologia no mundo atual.

(Espiritismo e Ciência • Juiz de Fora - MG - 1981)

FACULDADES

PSÍQUICAS Segundo informações que nos chegam os estudos de telepatia estão provocando um interesse muito especial em determinadas áreas científicas. Tem-se a impressão de que se espera descobrir, por esse meio, um campo novo e imenso no ser humano. Embora tradicionalmente conhecida e observada, ela passou a ser um motivo muito sério de curiosidade e preocupações, saindo realmente do empirismo para a pesquisa de laboratório. Há pelo que se sabe verdadeiras equipes, em universidades e gabinetes experimentais, às voltas com a comunicação telepática, É um indício de interesse pelo conhecimento do homem, não apenas biologicamente, mas também psiquicamente. Justamente por isso, a consideração do assunto poderia muito bem sugerir a seguinte questão, que não está fora de oportunidade: — Qual o verdadeiro objetivo de tanto estudo, tanta experiência no campo da telepatia? O desejo de penetrar na intimidade do ser? Alguma preocupação filosófica? Até agora, apesar de tudo quanto já se divulgou, ainda não se pode dizer ao certo o que é que se pretende fazer. É verdade que as sondagens ainda estão na fase de tentativas, a bem dizer.

Que o psiquismo tem recursos ainda inexplorados, não há dúvida. Através da telepatia como da premonição, por exemplo, é possível captar informações impressionantes e até revelar segredos. Talvez por isso mesmo, certas faculdades

estejam sendo, agora, estudadas com tanto afinco. O problema não está propriamente em provocar, até onde possível, o desenvolvimento dessas faculdades, mas no emprego que delas se faça. Dentro de um contexto em que se reduz a criatura humana à condição pura e simples de cobaia, condicionada por interesses pragmáticos, é natural que se justifique a utilização da telepatia e da própria mediunidade para fins exclusivamente terrenos, desde que assim convenha a situações vigentes. Isto significaria nada mais e nada menos do que a total abstração do aspecto transcendental, o que vale dizer da espiritualidade do homem, que não é apenas a composição biológica, nem mera configuração anatômica, é muito mais, no tempo e no espaço, porque é um espírito em experiências sucessivas e de natureza transcendente.

De nossa parte, justamente porque nos colocamos noutra posição, pois encaramos esses fenômenos pelo prisma espiritual, estejam na rubrica em que estiverem, não nos impressionamos muito com as experiências já empreendidas, sob cobertura científica altamente categorizada, mas pensamos muito nos resultados finais e nas aplicações dos meios de comunicação por via telepática ou mediúnica, se colocados a serviço de causas destituídas de qualquer conteúdo ético. Não nos espantamos com as informações recentes e realmente interessantes porque, embora realizadas com técnicas especiosas e sob autoridade científica de especialistas categorizados, não constituem matéria de primeira mão para quem já leu uns tantos autores, ou quem, no próprio meio espírita, já fez experiências de telepatia, desdobramento, regressão da memória e assim por diante, com pacientes e médiuns selecionados. Nesta linha de pensamento, tanto quanto possível coerente com o ensino espírita, podemos questionar desde logo sobre o seguinte ponto: se a utilização de sujeitos ou sensitivos ou sujeitos para- normais ou simplesmente médiuns (segundo a nossa nomenclatura) para fins imediatos ou circunstanciais, sem a mínima cogitação do progresso do homem e da Humanidade, poderá trazer mudanças sensíveis nos procedimentos individuais e coletivos; ou se tais experiências, levadas a efeito com tanto rigor técnico, poderão influir nas concepções de vida. Eis a questão!

O campo de exploração das faculdades psíquicas, em suas diversas modalidades, é notoriamente imenso e ainda pode ser examinado em aspectos muito pouco estudados.

A fenomenologia supraterrênea ainda tem muito o que revelar aos homens. Já se avançou muito no que se refere aos fenômenos de clarividência, premonição, desdobramento, mensagens entre vivos etc. Tudo isto já foi também estudado por Oliver Lodge, Ernesto Bozzano e outros pesquisadores. A própria fotografia do pensamento, que é um tema, hoje, de grande interesse nos círculos científicos que estão empenhados na "dissecação" do psiquismo humano, já não é propriamente uma revelação, visto como já fora referida em estudos anteriores. Não seria despropósito lembrar, por exemplo, que em *A Gênese* Allan Kardec desenvolveu

longa e criteriosamente um estudo sobre as propriedades dos fluidos em diversos tipos de fenômenos empregando até a moderníssima expressão fotografia do pensamento. É verdade que a pesquisa psíquica dispõe, atualmente, de uma aparelhagem requintada nos círculos científicos onde há condições para montagem de laboratórios especializados. Isto, entretanto, não quer dizer que nada se tenha feito antes.

Um dos mais impressionantes resultados das pesquisas psíquicas nestes últimos anos é a fotografia de formas fluídicas, o que representa, de fato, grande abertura científica tendo-se chegado até às plantas. Pois bem, Bozzano no livro *Pensamento e Vontade*, com reafirmação no livro *Fenômenos de Transporte*, apresenta o seguinte depoimento:

"Sei que atualmente existem sensitivos clarividentes que, observando uma planta em curso de germinação ou a larva de um inseto, declaram espontaneamente, sem que haja alguém pensando nisto, perceber, em torno da planta em germinação a forma fluídica da mesma planta, em pleno desenvolvimento florestal e, em torno da larva a forma fluídica do inseto adulto."

Então, a fotografia, obtida atualmente em câmara especial, vem confirmar aquilo que Bozzano já havia anotado. E Gabriel Delanne, anteriormente a Bozzano já não se referia à forma perispiritual de uma aranha, como se lê no livro *A Evolução Anímica*?

Chegamos, por fim, ao ponto de vista de que não há superação da bibliografia espírita, mas necessariamente continuidade e desdobramento de experiências, com o natural aperfeiçoamento do instrumental de pesquisa e verificação. Resta, no entanto, e é bom insistir no assunto, uma preocupação sensata quanto ao uso que se venha a fazer das potencialidades humanas em seu grandioso e profundo acervo energético. Sim, as energias espirituais não podem ser aferidas ou estimadas pelos critérios de avaliação das energias musculares. Em tudo quanto aciona o mecanismo da vida psíquica se reflete a centelha do espírito, é preciso, pois, que se leve em consideração este aspecto, sejam quais forem as experiências e as denominações empregadas. Afinal e a despeito de ingente esforço da pesquisa moderna que já apresenta resultados apreciáveis, chegamos à conclusão de que tudo isso vem confirmar as teses capitais do Espiritismo sobre a emancipação do espírito, comunicações entre vivos e mortos, interferência do mundo espiritual no mundo terreno através da mediunidade, bicorporeidade, tudo o mais...

Esperemos novos elementos de convicção, pois o terreno é ilimitado e ainda muito nos poderá oferecer. Mas que a luz da verdade se faça, acima das conveniências momentâneas ou transitórias.

(Jornal Espírita - Sfo Paulo - SP * Janeiro de 1981)

O ESPIRITISMO E O PARANORMAL

O que se chama, hoje, de paranormal, genericamente falando, é tudo quanto ultrapassa a esfera dos fenômenos normais ou triviais. É o inabitual, como preferia Ch. Richet. Sob a rubrica de paranormal que é muito complexa, há diversas divisões e subdivisões, com terminologia muito específica. A Parapsicologia, por exemplo, tem uma nomenclatura toda especial, de acordo com as siglas de sua classificação como por exemplo PSI, PSI-GAMA, PSI-KAPA, etc. Dentro desta classificação abrangente, objeto de uma literatura científica, já bastante difundida a nível internacional, se enquadra toda a fenomenologia psíquica, devidamente agrupada, com os respectivos termos que lhe são atribuídos pela ciência parapsicológica.

Premonições, telepatia, desdobramento da personalidade, ação à distância e outros são fenômenos já estudados há muito tempo recebendo agora novas denominações no vocabulário da Parapsicologia. Sensitivo ou sujeito paranormal ou médium, o certo é que existem pessoas dotadas de faculdade especial. É a experiência que o demonstra.

Há, inegavelmente, nomes novos para fenômenos antigos, naturalmente à luz de critérios mais modernos, pois não seria mais possível continuar no empirismo ou na improvisação de outros tempos. Por isso mesmo, devemos acompanhar com interesse os estudos que se fazem nas áreas da Parapsicologia. Acontece, no entanto, que a designação de paranormal, por ser muito extensa, pode levar a um equívoco, principalmente quando no caso de pessoas que, tendo iniciado estudos de Parapsicologia, sem qualquer conhecimento da literatura espírita, estão sujeitas a confundir o fenômeno de comunicação de espíritos com os fenômenos inerentes ao psiquismo humano. São dois campos distintos, mas a noção de paranormal, entre os menos experimentados, pode abrir caminho para uma generalização inconveniente.

Os parapsicólogos ou estudiosos que já têm posição espírita sabem fazer e fazem muito bem a necessária separação: certas categorias de fenômenos se explicam satisfatoriamente pelo próprio mecanismo psíquico do sujeito ou médium. É o que notoriamente se chama animismo na linguagem espírita. São fenômenos paranormais (conforme a moderna terminologia) porque estão fora do quadro ordinário de reações e comportamentos. Cabe aqui com justeza a indicação de paranormal, como poderia ser também supra-normal, se é questão de termos acadêmicos.

Ocorre, no entanto, que o campo da fenomenologia paranormal é muito mais vasto, exatamente porque nele se inclui outra categoria de fenômenos, que transcende a organização psíquico-orgânica do sujeito paranormal ou médium, como se diz em Espiritismo. É a categoria mediúmica. A esta altura, uma vez transposta a linha divisória entre os dois domínios da investigação psíquica, já

podemos falar em termos de comunicação de espíritos, embora alguns círculos da Parapsicologia não queiram admitir o intercâmbio entre o mundo humano e o espiritual. Para estes, os que se colocam radicalmente nesta posição, o que há é apenas desdobramento, projeção da mente, etc. Todavia, as provas existem. Justamente por isso, o Espiritismo divide acertadamente as duas ordens de fenômenos, e o faz com equilíbrio. Assim como nem tudo é do outro mundo, pois o ser humano tem potencialidades espirituais incalculáveis, também nem tudo procede do médium, nem tudo é fruto do inconsciente. É a tese espírita. Já sabemos que há muita confusão, muita ingenuidade e muita falta de senso crítico na seleção das comunicações mediúnicas. Mas a tese é válida, não sofreu abalo até hoje. O fato de haver comunicação entre vivos não significa que não haja também comunicação entre vivos e mortos.

Pouco importa que haja nomes diferentes e neste ponto calha inteiramente a judiciosa advertência *doutrinária*, contida no Livro dos Espíritos — questão 153: podemos dar às coisas os nomes que desejarmos, contanto que nos entendamos. Didaticamente a Parapsicologia usa siglas que encabeçam a distribuição de suas categorias, mas uma sigla ou um termo novo não muda a natureza de um fenômeno. Consequentemente, tanto é útil o trabalho que se realiza nos laboratórios de Parapsicologia, voltado para o lado espiritual do ser humano, tanto faz com este ou aquele revestimento terminológico, como é útil a investigação mediúnica, sob as luzes do Espiritismo, igualmente voltada para a *parte* essencial do ser humano que é o espírito.

Enquanto a Parapsicologia se atém aos fenômenos, e é o que lhe cumpre fazer como disciplina científica, o Espiritismo parte da fase experimental e deduz consequências filosóficas. O Espiritismo é uma doutrina, a Parapsicologia não o é. No campo experimental, entretanto, campo que o Espiritismo vem explorando há mais de cem anos, há muito ainda o que estudar e aprender. Ninguém poderia até hoje dizer (nem ninguém o disse) a última palavra.

Creemos, justamente por isso, que a Parapsicologia, como escola científica, poderá trazer subsídios valiosos, reforçando ou enriquecendo as teses espíritas, embora já esteja dividida, uma vez que se identificam pelo menos três categorias de parapsicólogos:

1) os de tendência materialista, que negam sistematicamente a comunicação dos espíritos desencarnados;

2) os de tendência espiritualista, que admitem uma realidade espiritual e por último,

3) os poucos parapsicólogos que, sendo espíritas, porque já o eram antes, continuam sustentando as suas ideias com base nos princípios espíritas.

Sejam, porém, quais sejam as divergências, os trabalhos relativos à Parapsicologia devem interessar muito porque trazem alguma contribuição válida, salvo quando se trata de obras de má fé, e existem algumas delas no mercado de

livros. Infelizmente... Mas os livros desse tipo não têm significação científica. Não podemos ignorar o que se faz, em matéria de estudos sérios, tanto nas áreas da Psicologia, como em outras áreas onde haja realmente preocupação verdadeiramente científica com os fenômenos psíquicos e com os altos problemas do intercâmbio com o mundo espiritual através dos médiuns.

Há inegáveis pontos de confluência entre o Espiritismo e a Parapsicologia no campo fenomênico. Neste particular, existem livros que têm intenções ostensivamente demolidoras. Mas a Parapsicologia não tem nada em si mesma com isto. Assim como o Espiritismo não tem nada que ver com o despreparo e a precipitação de certas pessoas. Outros livros, entretanto, merecem atenção especial, já pela seriedade, já pelo caráter instrutivo de que se revestem.

É o caso, por exemplo, do livro *Introdução ao Paranormal* do Prof. Valter Rosa Borges, do Recife (PE), publicado pelo Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Livro didático, na forma e nos objetivos, encaminha o assunto metodicamente e com uma riqueza inestimável de pormenores, criteriosamente distribuídos e explicados, é um trabalho apreciável. Embora se perceba, passo a passo, que o Autor escreveu mais para os estudiosos da Parapsicologia, e por isso mesmo, não teve a preocupação de fazer uma obra espírita, também se socorre de fontes espíritas, entre os quais Allan Kardec, citado mais de uma vez.

Embora resumidas, as informações históricas relativas ao Espiritismo reclamam esclarecimentos indispensáveis, o que o Autor levará em consideração em futura edição, queremos crer. O Livro dos Espíritos é de 1857 e quem o preparou e publicou, como sabemos, foi Allan Kardec. Com a publicação deste livro, enfeixando os ensinamentos do Alto, estava plantada a coluna central da Doutrina Espírita. O que se deu em 1848 foi o episódio de Hydesville, com as irmãs Fox, nos Estados Unidos. Jackson Davis, grande médium norte-americano, nascido em 1826 e desencarnado com 84 anos de idade, em 1910, escreveu livros como *Filosofia Harmônica*, *Revelações Divinas da Natureza*, por exemplo. Como diz Conan Doyle, Jackson deixou profunda marca no Espiritismo.

Convém lembrar que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres teve um papel importante na investigação comprovada pela ocorrência de fenômenos inusitados. A Sociedade é de 1882. Teve ela, no começo, certa prevenção com os médiuns. Antes dela, existiu na *Inglaterra* uma Sociedade do mesmo tipo (1875) — a Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha — mas encerrou definitivamente suas atividades com a desencarnação de Serjeant Cox. Mais tarde, porém, e por iniciativa de William Barrett, fundou-se uma sociedade nova, que se inaugurou a 20 de fevereiro de 1882, com o nome de Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Tendo-se tornado muito intransigente, senão intolerante, a Sociedade criou um ambiente de antipatia em pouco e, por isso, diversos elementos de valor se afastaram. Mas alguma coisa ficou, no campo da pesquisa como elemento positivo, e de interesse para a História do Espiritismo.

Não se pode, evidentemente, tentar um levantamento histórico do Espiritismo, na parte fenomênica, sem considerar criteriosamente o papel que tiveram algumas sociedades científicas do passado, como a Sociedade Dialética de Londres, a Sociedade Real, entre outras, a despeito de certas posições conflitantes. Na mesma ordem de sequência, devemos levar em conta a influência de Charles Richet, com a Metapsíquica, no começo do século atual. É verdade que o Autor do Tratado de Metapsíquica não formulou definição espírita. Mas o certo é que concorreu muito para despertar o meio científico, levantando pelo menos uma ponta do véu a respeito da fenomenologia hoje chamada de paranormal.

Richet reconheceu os fatos que corroboram as teses espíritas, mas não tirou dedução filosófica, não esposou a Doutrina. Deixou, porém, uma ciência nova — a Metapsíquica, desde o momento em que, a partir de 1905, conseguiu a aprovação dessa palavra na Society for Psychical Research, segundo Pery de Campos, em artigo publicado na Revista Metapsíquica, de São Paulo, nº 1, de Abril/Maio de 1936. Antes de Richet, diz o mesmo articulista, já Lutoslawski havia proposto o nome, porém foi Richet quem defendeu e obteve a aprovação, apesar das resistências. A Metapsíquica teve o seu momento, não há dúvida, e alguns metapsiquistas tornaram-se espíritas. Por exemplo: donde veio Gustavo Geley? Exatamente da Metapsíquica.

Se a Metapsíquica já é assunto do passado, a Parapsicologia é tema da atualidade. É bom notar, entretanto, que o estudo da faculdade psi, matéria de significação fundamental na Parapsicologia, tem uma fonte ampla na obra de Allan Kardec. Falemos com isenção de ânimos. Quem vem a ser a função psi senão a própria aptidão mediú- nica, por outras palavras? Nenhum tratado de Metapsíquica nem de Parapsicologia até hoje superou O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec no domínio da fenomenologia hoje chamada de paranormal.

Justamente, por isso mesmo, neste ponto, depois de havermos lido cuidadosamente o livro Introdução ao Paranormal, achamos que a referência a Allan Kardec deveria ser mais explícita, pois o assunto comporta um desenvolvimento indispensável a fim de que possamos compreender, se for o caso, onde está realmente a improcedência da afirmação de Kardec, no enfoque da faculdade psi-kapa. Teria Kardec desconhecido as alterações fisiológicas a que estão sujeitos certos médiuns?... É um aspecto sugestivo no exame do assunto. Conviria, pois, uma explanação precisa neste sentido, notadamente porque se trata, como já dissemos, de um livro didático, destinado a principiantes, em parte.

Em seus cinco capítulos. Introdução ao Paranormal nos dá, nitidamente, uma visão global de todo o quadro fenome- nológico e das tentativas honestas neste mundo ainda em grande parte desconhecido, que é, de fato, o mundo paranormal. Já se avançou bastante, quer em Espiritismo, quer na Parapsicologia, mas ainda se ignora muito, e por isso, é necessário observar, estudar, analisar sempre. É o sensato conselho que, implicitamente, se colhe no trabalho do Prof. Valter da Rosa

Borges, cuja capacidade realizadora se coloca, hoje em dia, na linha de frente dos espíritas desassombrados, porque não se conformam com as verdades feitas e querem rasgar novos horizontes no conhecimento do ser humano que é corpo e espírito.

Ao chegarmos ao fim do livro, pensando bem nos conceitos e no laborioso esforço do Autor, ficamos com a convicção, mais uma vez, de que o paranormal está dentro do Espiritismo. Para terminar, vem a propósito, as últimas palavras de Introdução ao Paranormal:

"A Parapsicologia, malgrado os seus ferrenhos detratores e adversários, mal ou bem intencionados, vem-se firmando, cada vez mais, como ciência de vanguarda, no estudo e na pesquisa dos fenômenos insólitos, nas fronteiras do Desconhecido. Se pouco sabemos ainda acerca de tais fenômenos, é porque ainda estamos ofuscados pela luz que eles projetam, fazendo-nos entrever uma nova realidade para o homem e o universo/'

Muito bem!

(Revista Estudos Psíquicos - Lisboa - Portugal - Maio de 1977)

CONCEPÇÃO ESPÍRITA DE EDUCAÇÃO

Nesta época, em que tanto se fala em metas, que é a palavra da moda, e temos meta política, meta administrativa e assim por diante, não será despropósito dizer que a educação é a grande meta do Espiritismo. Mas é preciso ver, desde logo, que a Doutrina Espírita tem um conceito de educação muito mais extenso e profundo, na realidade, do que o conceito corrente. Como ponto de partida, devemos distinguir instrução e educação, o que aliás, muita gente sabe distinguir muito bem. Instrução é informativa, é instrumento indispensável ao processo educativo, mas a instrução por si só não educa, não transforma o homem.

Em muitos casos, como se sabe, a instrução é apenas acumuladora, servindo tão somente para fornecer elementos capazes de enriquecer a vida intelectual, mas não desce ao cerne da personalidade, não penetra no EU profundo. A instrução bem conduzida, evidentemente, abre perspectivas e caminhos ao espírito, mas é indispensável aproveitar todos os recursos e dinamizá-los no homem. Aí, pois, já não é apenas a instrução, mas a educação, É a educação, consequentemente, que dirige a instrução para fins úteis e elevados.

Feita essa distinção, que é trivial, devemos considerar a desigualdade que existe também entre os próprios conceitos de educação. Dentro de certos padrões antigos, o que se chamava educação era simplesmente boas maneiras, etiqueta social e nada mais. A educação era paramento formal ou exterior, não tinha profundidade, portanto. Ser educado era apenas comportar-se de acordo

com o figurino e as regrinhas de salão. Tudo isso passou, não há dúvida. Quase ninguém, hoje em dia, pensa em educação em termos de convenções e normas de sociabilidade. Mas é verdade que apesar disso o conceito de educação ainda não é pacífico. E é justamente neste ponto que cabe à Doutrina Espírita uma participação muito mais importante do que parece.

Há uma tendência, que se robusteceu muito com a II Guerra Mundial, para fazer da educação um meio e não um fim. Meio de ganhar a vida, desprezando todos os valores que não sejam utilitários. Educar, segundo essa concepção, consiste apenas em preparar o homem para vencer, ser auto-suficiente, mas tudo isso em função da vida presente. Isto significa, sem sombra de dúvida, desprezar os valores ideais e fixar-se exclusivamente nos valores imediatos e materiais. É um tipo de educação unilateral e de efeito apenas transitório.

Outra tendência, que é marcante nos regimes onde se dá a hipertrofia do Estado, procura cada vez mais bitolar a educação, tentando enquadrar o espírito dentro dos sistemas que mais convenham a esses. O conceito de educação aí, é muito diferente do nosso conceito, pois os regimes absorventes entendem que a educação é formar o homem para determinado tipo de necessidade, segundo os planos estatais. Há realmente um finalismo. Mas que finalismo é esse? Usar a educação para um fim único, que é atender às conveniências do momento.

O conceito espírita de educação pressupõe três elementos convergentes: 1º) a instrução, que é um elemento instrumental; 2º) o meio social, que é um agente provocador das reações e das necessidades e 3º) a liberdade, que é a condição básica das opções. Sem liberdade para escolher o caminho, sem o direito de optar pela direção espiritual que lhes seja mais afeiçoada, as vocações ficarão estagnadas ou recalçadas. E como aproveitar as aptidões sem oferecer condições de preferência? E como educar sem respeitar as inclinações mais íntimas? Então, será o caso da Fábula de Saturno: a educação, que deveria ser criadora, terminaria sacrificando ou matando as vocações.

Em linhas gerais, apontamos apenas aspectos políticos da educação. Mas não podemos, de forma alguma, pôr de lado o aspecto filosófico, dentro do conceito espírita de educação. E afinal que é educação segundo a Doutrina Espírita? Não é apenas instruir, não é simplesmente inculcar hábitos externos, é transformar o homem dando-lhe uma concepção de vida fundamentada na supremacia do espírito e dos valores morais. A educação, segundo a filosofia do Espiritismo, deve atender às necessidades materiais, às exigências do meio, às leis da natureza, às repercussões da cultura, mas deve, além de tudo isso, interessar-se pelo lado espiritual da vida.

Além do mais, não podemos perder de vista, no aspecto filosófico da educação, um fator muitíssimo importante e às vezes decisivo: a reencarnação! O espírito precisa encontrar condições favoráveis à missão ou à prova. A educação embora planejada pelas técnicas e pelos sistemas pedagógicos, cujo valor não se pode

negar, não pode deixar, todavia, de proporcionar liberdade ao espírito, a fim de escolher o seu campo de ação. Há compromissos e escolhas que vêm do passado (questão 258 de O Livro dos Espíritos). Há espíritos que reencarnam com sua tarefa ou missão já prevista, ou também sua prova na Terra. A educação deve orientar bem mas não deve violentar os compromissos do espírito, indicando-lhe um rumo que não esteja de acordo com sua missão ou seus compromissos.

Segundo a Doutrina Espírita, a educação é finalista, porque visa a um fim. E se não fosse assim, naturalmente não teria sentido prático e cairia no formalismo. Mas o fim da educação, em termos espíritas, não é simplesmente imediato ou profissional. O fim, neste caso, é abranger o homem real em sua totalidade, isto é, corpo e espírito, tendo em vista a vida atual e a vida futura. Já se vê, portanto, que é um finalismo superior. E esse finalismo parte de uma base — a concepção do homem como ser imortal. Consequentemente, a educação deve cuidar, em tudo por tudo da essência espiritual do homem, harmonizando a inteligência e o sentimento, a cultura e a moral (questões 192 e 791 de O Livro dos Espíritos).

À luz dos contextos espirituais, finalmente, pudemos colocar a questão nos seguintes termos conclusivos: SE A EDUCAÇÃO NÃO CONSEGUIR MELHORAR O HOMEM DE DENTRO PARA FORA, teria apenas efeitos superficiais e, por isso mesmo, não modificará a sociedade. E o maior ideal da educação é modificar para melhor, começando pelo homem. (Transcrito de Mundo Espírita, sem indicação de data de publicação).

(Correio Espírita - Limoeiro - PE - Março/Abril de 1988)

ADVERTÊNCIAS ESPIRITUAIS

— Não acredito muito nessas coisas... Mas senti a presença de minha mãe e modifiquei o que estava escrevendo.

Assim me falou, certa vez, um conhecido meu, faz alguns anos. Pelo que dizia, era cético em relação a comunicações do mundo espiritual. Disse-me ele, porém, que, tendo sido encarregado de um inquérito administrativo, estava à máquina, redigindo a conclusão do inquérito, mas em termos muito radicais, fazendo uma carga bem forte no funcionário acusado. Iria inutilizá-lo mesmo se não tivesse havido uma intervenção emocional, estranha e inesperada. Intervenção de quem?... Não viu nenhum vulto na sala, mas sentiu uma emoção muito forte, de um momento para outro, e quase chorara, apesar de ser um homem muito frio, por temperamento. Mas ia chorando e parou de escrever. Sentiu a presença de sua mãe, pela vibração, como se estivesse a lhe dizer:

— Meu filho, abrande essa informação; não seja tão rigoroso!

Foi o que ele me contou, embora não acreditasse muito nessas coisas...

Emocionado, como que dominado por uma força amorosa, arrancou o papel da máquina, rasgou tudo e escreveu outra página, muito diferente. Declarou-me que estava convicto da interferência de sua genitora. Ainda bem...

Muitos e muitos casos poderiam ser relatados, especialmente na vida familiar. Ainda que não se dê a presença de um espírito diretamente, por meio de manifestações físicas, o certo é que qualquer pessoa está sujeita a captar influências inesperadas. É a experiência que o demonstra.

Muitas vezes, quando estamos pensando sobre determinados problemas, ou quando estamos escrevendo, ocorrem ideias, que passam como relâmpagos, e nem sempre percebemos que essas ideias são de outra origem. Nosso contato com o mundo espiritual é muito e muito mais frequente do que supomos, o que, aliás, não é novidade para quem está "enfronhado" nesse assunto.

Nossa sensibilidade, desde que tenhamos condições pre- disponentes, tanto pode ser influenciada, pelas vibrações momentâneas de espíritos desencarnados, o que já aconteceu inúmeras vezes, principalmente com artistas, poetas e homens geniais, como também por motivações diversas, tais como uma paisagem, um quadro, o deslumbramento de um espetáculo como o da Foz de Iguaçu, a melodia de uma canção, etc., etc. Tudo isso, em seu momento, pode dar inspiração como ainda provocar reações especiais.

Contaram-me, por exemplo, que um crítico literário (já desencarnado), ao analisar um livro com o propósito de arrasá-lo, ouviu certa música e ficou tão embevecido, que terminou alternando o tom ferrenho da crítica e dando outra feição, mais amena, aos seus comentários.

Há ocasiões em que a natureza nos fascina de tal forma que chegamos a nos sentir fora do corpo, pois a nossa sensibilidade se eleva instantaneamente acima de todas as contenções da matéria. Lembro-me do que ocorreu comigo, em viagem de Belém do Pará a Manaus, faz algum tempo... Ao contemplar, do avião, a imensa e deslumbrante paisagem amazônica, confesso que fiquei a bem dizer fora de mim. Pouco depois, ao levantar vôo em Santarém, à tarde, o avião começou a sobrevoar um trecho impressionante, justamente no chamado ponto das águas trançadas, onde se avista o Rio Solimões. Estava entardecendo... Senti-me tão emocionado, tão absorvido pela paisagem, diante de um espetáculo que eu jamais contemplara em minha vida — o pôr do sol sobre as águas e florestas na região amazônica — que cheguei a fazer uma prece de contentamento como se estivesse extasiado, perante tanta beleza natural, e falei assim, intimamente:

— Meu Deus, como é bela a Tua criação!...

A vida nos mostra muita coisa triste e horrenda, mas precisamos ver o outro lado, exatamente aquilo em que a natureza nos revela a beleza e a bondade, muitas vezes espontaneamente. Tudo isto parece divagação, mas não o é, não!... Quero chegar precisamente ao ponto de partida: influências inesperadas em nosso procedimento, ora pela ação sutil de espíritos, ora pela beleza de quadros naturais

ou pela repercussão de músicas que se adaptem ao nosso tipo de sensibilidade.

Se a nossa sensibilidade pode ser influenciada por motivações naturais, na planície, no mar, na serra, no jardim, etc., muito mais aptidão tem ela para ser influenciada pelo mundo espiritual. Não é necessário que todos tenham mediunidade no sentido ostensivo. Nem é preciso que também todos "recebam" espíritos, como se costuma dizer. Muitas e muitas vezes, os espíritos estão ao nosso lado e nós não os percebemos... No entanto, absorvemos muitas ideias que nos levam a tomar nova direção. Eles sopram onde querem.

As influências do Alto, como se sabe, podem ser benéficas ou maléficas. Precisamos, pois, manter boas condições íntimas, para que eles, os espíritos desencarnados, encontrem em nós instrumentos dóceis, e, pelas suas interferências instantâneas, nos infundam energias e nos tragam sugestões capazes de modificar certos propósitos.

A presença de entidades amigas nos permite captar conselhos e advertências verdadeiramente providenciais, como no caso daquele conhecido meu, que sentiu, sem sombra de dúvida, a recomendação do espírito de sua própria mãe, aconselhando-o a não ser tão inflexível no que estava escrevendo. Daí, o acerto do velho ditado popular*— somos cada vez mais vigiados pelo mundo espiritual.

(Jornal Correio Fraternal do ABC - São Bernardo do Campo - SP - Janeiro de 1978)

CURIOSIDADE E RENOVAÇÃO

Na parte final do *O Livro dos Espíritos*, seção V, disse Kardec que o período da curiosidade já passou. Estávamos na segunda metade do século XIX. Teria passado mesmo? É a pergunta que muita gente ainda se faz. Como não existe conceito absoluto na linguagem humana, devemos considerar que o período da pura curiosidade realmente já passou para aqueles que não se prendem mais à mesa mediúnica nem aos médiuns como o único ponto de interesse pelo Espiritismo. Mas ainda não passou para quantos ainda estão na fase inicial, durante anos a fio, consultando os mentores espirituais, sem um passo sequer no conhecimento aprofundado da Doutrina.

Tudo é relativo, todos sabem disto. Claro que o Codificador se referia ao desenvolvimento natural do conhecimento através de etapas. Primeiramente, a curiosidade, o desejo de ver com os próprios olhos, a vontade incontida de falar com os espíritos. Depois, naturalmente o raciocínio analítico, a reflexão. E, por fim, pela ordem lógica, vem a convicção, a integração na Doutrina. E daí por diante. Não se pára mais de estudar, de observar, pois a sede de saber não admite limitações.

Houve, de fato, um período de curiosidade, aliás necessário, e foi o período em

que todas as preocupações se concentraram na parte mediúnica do Espiritismo. O elemento mediúnico nunca deixou nem deixaria de ser necessário e sempre importante. Mas a fixação exclusiva no fenômeno, como se não houvesse mais motivação, com o tempo cedeu lugar a outra ordem de cogitações, que se polarizam exatamente na Doutrina e suas não consequências. Um campo novo que se abriu para muita gente no ciclo histórico das primeiras obras espíritas. Por isso, Allan Kardec frisou bem: a curiosidade passou.

Claro que há curiosidade no sentido comum de apenas querer ver, sem qualquer objetivo sério, e curiosidade no sentido especial de procurar a verdade ou adquirir conhecimento. Esta última expressão de curiosidade revela bom-senso e honestidade de propósitos, é exatamente a curiosidade que a própria Doutrina suscita a cada passo. No entanto, ainda se nota, em grande parte, aquela curiosidade vulgar, sem a mínima preocupação de estudo ou de enriquecimento espiritual, isto é, a curiosidade dos que procuram apenas espetáculo e nada mais.

Há outra forma de curiosidade, bem intencionada e às vezes piedosa, não há dúvida, mas improdutiva, porque não sai da rotina, não opera qualquer mudança de ideias ou de hábitos. É o caso, por exemplo, dos que vão ao centro espírita somente por causa dos guias espirituais e, por isso mesmo, toda a atenção se dirige ao médium, a ninguém mais. De certo tempo em diante, a curiosidade rotineira termina criando a idolatria do médium e também a devoção dos guias...

E o aprendizado? E a renovação da criatura? Nada!

Há pessoas que frequentam centros espíritas há 5 ou 10 anos, ouvindo a palavra dos guias, pedindo mensagens e comparecendo religiosa mente às sessões mediúnicas, mas continuam pensando como antes — ainda têm medo de azar, ainda acreditam no inferno, ainda fazem penitência... Os hábitos religiosos continuam sendo os mesmos. Isto quer dizer que não aprenderam Espiritismo, não receberam ou absorveram esclarecimentos doutrinários. Ainda permanecem na fase inicial da curiosidade comum, não deram um passo adiante, pois não apresentam qualquer mudança, é, não resta dúvida, o caminho para o fanatismo.

O Espiritismo é doutrina renovadora. A medida que se estuda a Doutrina e que se absorve o seu ensino, naturalmente alguma coisa começa a mudar, aos poucos: a visão da vida e das coisas; a concepção de Deus; a sua suprema justiça; a noção de responsabilidade e assim por diante...

Já se disse, e não faz mal repetir, que certas pessoas são capazes de caminhar até muitos quilômetros à procura de um médium, com chuva ou com sol quente, seja lá onde for. Mas não têm paciência nem interesse de ficar ao menos meia hora no recinto de um centro para ouvir uma palestra, uma elucidação doutrinária.

No entanto, como ainda ensina Allan Kardec, o Espiritismo progrediu sobretudo desde que foi compreendido em sua Essência Intima. É a sua essência, o seu conhecimento que nos dá condições de se valorizar a comunicação com os espíritos e a sua significação no progresso moral. Enquanto a mesa mediúnica for apenas

objeto de curiosidade ou simples motivo de devoção, não há renovação, não há progresso no conhecimento doutrinário do Espiritismo.

Temos de reconhecer, ainda, que a orientação de origem tem muita influência sob este ponto de vista. Existem centros que fazem questão de dar preferência aos trabalhos mediúnicos, como se fossem eles a razão de ser da sua existência, enquanto a Doutrina fica relegada a segundo plano e às vezes até nem é comentada nas reuniões!... Infelizmente ainda acontecem estas coisas. Então, os frequentadores assíduos, se habitua à rotina e não entendem o Espiritismo à não ser pela via mediúnica. Ora, se é assim que entendem o Espiritismo, evidentemente não podem interessar-se pelas explicações doutrinárias.

Lembro-me bem de um centro espírita, que frequentei, no bairro de São Cristóvão, aqui no Rio de Janeiro, há muitos anos, nos meus primeiros contatos com o Espiritismo. O presidente da casa era o médium e fazia tudo: doutrinava mediunizado, dirigia o serviço dos passes, cuidava das desob-sessões, etc. Nenhum livro da Doutrina era sequer lido. Toda a assistência via o centro exclusivamente pela pessoa do médium. Tudo se fazia em sua função.

Tempos depois apareceu alguém que começou a colaborar conseguindo introduzir o estudo doutrinário, ao menos uma vez por semana. Ficou então reservado um dia especialmente para a explicação da Doutrina. Pois bem, a maior parte da assistência, que já estava acostumada a só se preocupar com os trabalhos mediúnicos, reagiu desagradavelmente! Lembro-me bem, como se fosse hoje, de que certa vez um dos frequentadores, daqueles que nunca faltavam às sessões mediúnicas, ao chegar à sala, assim que viu no quadro de avisos de que aquela noite seria de estudo doutrinário, voltou imediatamente e ainda falou assim, quase afrontado :

— Isto não interessa...

E retirou-se mesmo.

Em parte, alguns centros são responsáveis por essa discrepância, justamente porque não criam desde cedo o hábito do estudo, sem desprezar a parte fenomênica.

O equilíbrio antes de tudo!

(Jornal Correio Fraternal do ABC - São Bernardo do Campo - Dezembro de 1979)